EXPEDIENTE.

EM UM DOS PROXIMOS NUMEROS, DEVERÁ SER DESCONTADA A MEIA FOLHA, QUE HOJE SE DÁ DE MAIS.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PLANTAÇÃO DE AMOREIRAS.

CONSELHO, REQUERIMENTO, SUPPLICA E OBSECRAÇÃO ÁS CAMARAS MUNICIPAES.

2525 MUITAS vezes se tem já ponderado que o arborisar as praças e largos das cidades é contribuir, ao mesmo tempo, para a saude e para a recreação do povo. Agora accrescentaremos, que o arborisal-as com amoreiras seria ajunctar, a estes dois beneficios, um terceiro muito grande. — A vista continua d'estas arvores estaria prégando diligencia e aguçando a todas as horas uma louvavel cobiça aos moradores seus visinhos: — muitas familias, podendo mandar colher a folha perto e sem difficuldade, creariam o bicho da seda: — as donzellas e creanças brincando, junctariam o seu peculiosinho, — brincando, contrairiam o habito do trabalho e vigilancia, — e, generalisado este gosto, o reino se acharia menos pobre de anno a anno. O *largo das amoreiras*, em Lisboa, está quasi n'um arrabalde, e de alguns bairros dista legua e mais: sem embargo, não falta quem lá mande buscar mantença para os seus bichos; — ¿que não seria pois se em toda a parte, onde estas dadivosas arvores não empecessem ao transito, as plantassem, conservassem e defendessem com amor? — A *praça das flores*, a da *alegria*, o *rato*, a *patriarchal*, a *estrella*, a *fundição*, as *côrtes*, as *necessidades*, *S. Paulo*, *Carmo*, *Belem*, *campo de Sancta Anna*, *largo do intendente*, *do Quintella*, *campo de Ourique* etc. etc., cobrariam realce de formosura; — mandariam ás cazas saude e oiro, — e tudo isto não haveria custado á camara de Lisboa mais que algumas poucas moedas!

O que dizemos de Lisboa — das outras cidades e das villas, e ainda de muitas aldêas o dizemos.

Louvor, e grandissimo, ás camaras municipaes, que, primeiras, fizerem obra d'este alvitre: — nós nos apressaremos de estampar os nomes dos seus presidentes e vereadores, logo que d'elles nos chegar noticia.

Por esta occasião, tomamos a liberdade de lembrar á de Lisboa, que a extensa plantação de amoreiras, que, ha poucos annos, se mandou fazer na encosta juncto á estrada do *Carvalhão*, se acha mui deteriorada pelo desamparo e absoluta falta de tractamento.

AMOREIRAS.

ANNUNCIO.

2526 NA BARROCA d'Alva ha alguns milheiros de amoreiras brancas, das sementes mais approvadas vindas de França, de tres e quatro annos de edade, tendo pela maior parte uma polegada de grossura para mais, e de quinze a vinte palmos de altura. Vendem-se pelos preços de 120 réis as de tres annos, de 160 réis as de quatro. Ha tambem uma porção de multicaules a 40 réis a estaca. Tracta-se nos fornos de cal da Pampulha com Antonio Joaquim Maciel, encarregado de receber as encommendas.

NOVO INGENHO PARA AS FABRICAS DE SEDA.

2527 No ultimo congresso scientifico de Florença, apresentou o perito machinista *Poidebard* um ingenho para fiar e dobar a seda, no qual estas duas operações se fazem simultaneamente, com muita velocidade e perfeição, como se vê pela prática, pois que já foi adoptado e está trabalhando na fabrica de sedas de *Pedro Sozzi*, em Bérgamo.

Os resultados d'esta machina são: — economia na mão d'obra, que fica reduzida a menos de metade; certeza de não poder haver sizas no fabríco dos retrozes, melhor qualidade de seda e portanto maior valor seu no mercado; não se esperdiçar parte alguma dos casulos; fiar-se egual quantidade em tempo egual seja em que estação fôr; finalmente, muito menos canceira para as mulheres empregadas n'esta laboriosa industria.

Se esta noticia não basta para ensinar a construcção da machina e o seu uso, ao menos servirá para que os interessados possam mandar vir mais circumstanciadas informações ou a propria machina, sabendo já para onde e a quem hão-de dirigir-se.

CULTURA DAS BETARRABAS.

2528 CONTÊM o artigo 2478 da *Revista Universal Lisbonense* oito perguntas, que ácerca da cultura das betarrabas me dirige *um lavrador empreendedor*.

Devo primeiro declarar que, os dois artigos, que eu dirigi a este jornal, relativos ao assucar da betarraba, só levavam em mira accordar a attenção dos lavradores e proprietarios de terra, para uma producção nova, cujos resultados podem ser immensos. Não tive a presumpção de querer dar preceitos e instrucções praticas, que, para isso, me não julgava habilitado.

Como, porém, todas as oito perguntas podem ser respondidas por quem puzer, com attenção, os olhos nos tractados, que, se hão publicado n'estes ultimos annos sobre a dicta cultura e sobre o modo como se póde melhor sacar de taes raizes o assucar, sou mui contente de poder-lhe accudir desde já com alguma resposta.

P. — ¿Qual a qualidade do terreno que a betarraba exige para produzir bom resultado?

R. — Bem que a betarraba não deixe de vingar em terras barrentas e fechadas, uma vez que as lavrem como deve ser, o que parece quadrar-lhes melhor sempre são os terrenos brandos, substanciaes, fundaveis e algum tanto frescos.

P. — ¿Qual o tempo da sua sementeira e colheita?

R. — N'um clima, como este de Portugal, que está isento de nevadas fortes, tenho que os ultimos quinze dias de março, serão a quadra mais certa para a boa sementeira. Por meado septembro haverá já raizes em bons termos para darem assucar, porque posto sejam as betarrabas umas plantas annuaes e biennaes, tem a experiencia demonstrado, que se lhes não deve esperar pela maturação completa; porque assim como envelhecem, logo as febras se lhes fazem rijas, e a materia sacharina emvez de augmentar, míngúa. Para se conhecer o praso em que a betarraba ou outro qualquer vegetal está na sasão de offerecer mais assucar, serve maravilhosamente o saccharómetro inventado pelo chimico *Peligot*, de *Tolosa*.

P. — ¿Qual o modo de a cultivar?

R. — O terreno, em que se pertende a betarraba do assucar, que é uma que geralmente denominam betarraba da Prussia ou a betarraba *Manzel-Wurtzell*, que é outra casta excellente para engordar animaes, deve ser lavrado com fundura mais que meã. A semente deita-se em carreiras apartadas dois pés umas das outras, distando cada semente dez polegadas de cada uma das suas visinhas no alinhamento, e ficando duas polegadas sotterrada. Não ha termos, com que se encareça o prestimo do instrumento de *Willis* de *Boston* para se fazer com perfeição esta sementeira e com a devida regularidade nas distancias, afim de não haver depois necessidade de andar arrancando o que sobeja em umas partes, para o ir transplantar para outras onde faltam. Estruma-se o terreno, mas pouco, porque o adubio demasiado torna-se nocivo á crystalisação da materia saccharina. E sacha-se uma ou duas vezes no decurso do verão, para desafogar estes preciosos vegetaes dos parasitas, que não são praga menos damninha entre as plantas que entre a gente.

P. — ¿Onde se ha-de achar a melhor semente?

R. — A semente da betarraba é em França communissima e muito facil de se haver em Portugal; mas eu para mim sempre preferiria a da *Prussia* e do ducado de *Baden*.

P. — ¿Qual a sua melhor qualidade?

R. — Conhecem os agrónomos nove qualidades de betarrabas, que todas conteem mais ou menos assucar, mas a assucareira de véras e desenganada é a de Prussia; depois d'esta fica logo a de *Manzel Vurtzel* que ainda ministra muito bom sumo. *Foster de Charlestown*, no *Massachusetz*, colheu no anno de 1830, 2812 arrobas e meia da betarraba *manzel vurtzel* em uma só geira de terra. A semente havia sido só tres libras, mas dada á terra com o semeador de *Willis*.

P. — ¿Qual o estado da planta, em que, com preferencia, se deve colher a sua semente e o modo de conservar esta?

R. — As plantas, que se querem para semente, deixam-se ficar na terra dois annos. Quando a semente está madura, cortam-se os pés, e poem-se com cuidado a secar ao sol. Depois embrulham-se, e guardam-se em logar secco.

P. — ¿Qual o meio mais economico de se alcançar a machina para a fabricação do assucar de bettarraba, e as pessoas intelligentes para n'isto se empregarem?

R. — Intendo que de *Marselha* se poderiam mandar vir os instrumentos necessarios para uma fabrica de assucar. Pelo que pertence porém a operarios, julgo, que os de Allemanha seriam os melhores porque trabalham bem, e importam em menos.

P. — ¿Tambem se deseja saber, se este assucar tem o mesmo gosto e em nada differe do assucar de cana?

R. — O assucar da betarraba, depois de refinado, tem a mesma côr e gosto que o melhor assucar de lasca feito do sumo da cana.

N'outra vantagem ha-de agora advertir o meu curioso inquiridor; e é que, emquanto a cana fica empachando a terra por espaço de desoito mezes, a betarraba dá os seus copiosos resultados em seis mezes. Mas sendo tudo assim, como em realidade é, ¿porque razão — perguntarão todos — se não tem em França ha tempos a esta parte augmentado quasi nada esta cultura? Porque os impostos e a acção governativa são para a agricultura e industria como a cabeça de Medusa. É sabido que para satisfazer a exigencias, quasi imperiosas, das praças do commercio de *Marselha*, *Bordeus*, *Heaune*, e de outros portos maritimos, exigencias, que representavam os interesses dos armadores de navios e dos negociantes, que tinham o seu tracto com as colonias, as camaras legislativas de França, que representam mais a industria que a agricultura, fizeram uma lei, em virtude da qual os impostos, lançados ao assucar indigena ou de betarraba, egualam aos direitos dos assucares das colonias ou de cana. E aqui está como a despeito das doctrinas dos apostolos da economia politica, foi sacrificado um dos mais vitaes interesses da agricultura franceza aos calculos mesquinhos e egoistas da politica mercantil. Tente alguem introduzir este ramo da industria agricola em Portugal e verá que alaridas não levanta por ahi logo um cardume de merceeiros, corretores, correspondentes do Brazil, e principalmente donos de navios para quem a cana do assucar é uma varinha de condão para crear oiro, pelo tráfico que á sua sombra fazem de carne humana tanto preta como branca: — vel-os-heis todos a declamar contra a vossa empreza benefica e patriotica, e provocar contra ella todos os coriscos dos tributos............

¡Dizei porém aos armadores portuguezes, que duzentos navios inglezes andam perpetuamente empregados em acarretar para aqui bacalhau, e carregar dinheiro d'aqui para fóra, para aquella pobresinha de Londres, e elles escutarão esta horrenda verdade sem caírem apopleticos de vergonha!

Porto 1 de janeiro de 1844. *L. W. Tinelli.*

NB. — Para o fim de fevereiro proximo, o auctor d'este artigo poderá aviar algumas encommendas que se lhe façam, tanto das melhores sementes da betarraba como do semeador de *Willis* e do saccharómetro de *Peligot*. — As encommendas devem-lhe ser dirigidas sem perda de tempo, para poderem ser pontualmente satisfeitas, e servir ainda para este anno.

MODO COMO SE HÃO-DE LIVRAR AS MINAS DE CERTOS GAZES IRRESPIRAVEIS.

2529 As experiencias de *Saussure* provam que, o carvão, acabado de pôr em braza, absorve em vinte e quatro horas de gaz ácido carbonico trinta e cinco vezes tanto quanto é o valor do mesmo carvão. Logo que se abre um poço, aonde a carencia de cheiro e o apagar-se uma véla accusam a existencia do gaz ácido carbonico, arrêe-se para dentro d'elle, até á superficie da agua, um caldeirão cheio de carvões recém-accesos. Estes carvões dentro em pouco se apagam, e principia a absorpção. Uma hora ou duas, depois de tirado o caldeirão, accende-se outra vez e torna-se a descel-o para repetir a absorpção.

Provou-se já por experiencia, que duas immersões d'estas bastavam para desenvenenar um poço, que tinha de altura de gaz ácido carbonico nove pés da medida portugueza; e em meio dia se purificou outro, que tinha uns trinta pés do dicto gaz.

Os progressos da absorpção vão-se conhecendo pelo modo de arder de uma véla: se já dá boa luz podem os mineiros descer sem medo para trabalharem.

CALOR PARA AS CAZAS.

2530 A necessidade de supprir, por meios artifi-

ciaes o calor amoravel e vivificante, que a natureza nos denegá no inverno, começa de ser geralmente confessada; e, se em todas as cazas se não vê já estabelecido o uso dos fogões, é porque, assim os de ferro como ainda os de loiça, custam caro, são difficultosos para se bem collocarem em edificios, que originariamente não foram preparados para isso, e sobre tudo consomem muito combustivel, que n'este paiz não é barato. O resultado é tiritar-se com frio, emquanto Deus nos não atira outra vez para cima, a capa dos pobres, que é o verão.

Mas — ¡ alviçaras! — temos um invento recentissimo, que suppre, com grande economia e algumas outras vantagens, os fogões. É um esquentador portatil, que examinámos em caza do Sr. Lecesne Guillot, rua da Emenda n.º 14. Qualquer caldeireiro, latoeiro ou fabricante de ferro o compreenderá facilmente, e ficará, cuidamos nós, em estado de o executar.

Imaginae um cilindro de metal de seus quatro palmos de altura, e de palmo e meio de diametro. Na parte superior d'este cilindro entra uma bacia tambem metalica de mão travessa de altura, e com suas duas polegadas de arêa fina, ficando tudo coberto com uma tampa crivada de orificios. Ao meio do cilindro ha uma divisão horisontal e metalica, com seus buracos, ficando um vasio entre ella e o fundo da bacia. Na parte infima do cilindro, por uma porta que n'ella ha, se introduz e se assenta uma caixa rectangular cheia de azeite, onde encaixam quatro grizetas de torcida circular e com registos como os das lampadas das salas, para as fazer subir e descer. Estas torcidas, que se alimentam do azeite da caixa, ardem dentro de chaminés de vidro como as das lampadas. Cheia a caixa de azeite, accesas as grizetas, impostas as chaminés, e posto tudo no seu logar, fecha-se a porta. A arêa não tarda em ganhar um grau tão intenso de calor, que, irradiando-se pela athmosphera, dentro em uma hora, e sem deitar fumo nem cheiro, segundo nos affirmou o Sr. Guillot, tem aquecido um quarto assás vasto até ao ponto de ser necessario retirar a machina, para que a temperatura não passe a incommoda. O azeite, que se consome em aquecer successivamente varias cazas, diz-nos o criado que tem aquillo a seu cargo, apenas chega a um quartilho diario. O esquentador do Sr. Guillot é de ferro e latão doirado com ornamentos e seu luxo: é um movel engraçado e vistoso, e não lhe custou em París mais de tres moedas.

Estamos persuadidos de que alguns fabricantes nossos, por exemplo os Srs. Colares, a viuva Bachelay, e a excellente fundição e forja de vapôr á Boavista poderão aviar encommendas d'estas com egual e maior perfeição; e, sendo mais singellas, muito mais barato.

SOBRE A PETIÇÃO DE REVISTA.

2531 Da Revista: *Por Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, presidente da Relação de Lisboa.* — 60 *pag. em* 8.º *maximo.*

Observações sobre a Revista do Sr. deputado Antonio de Azevedo Mello e Carvalho: por Joaquim José da Costa e Simas, deputado etc. 86 *pag. em* 8.º

O objecto dos dois interessantes opusculos que acabamos de annunciar, é um projecto de lei que pelos fins do anno passado se discutiu na camara dos dignos pares, depois de ter sido approvado na dos senhores deputados, e que tinha por assumpto ampliar as attribuições do supremo tribunal de justiça.

Todos sabem, que este tribunal foi creado, em sua origem, para se prover aos casos, em que as sentenças dadas em ultima instancia laborassem em nullidade, quer fosse por inobservancia da ordem legal do processo: quer fosse por falsa applicação da lei, quanto ao merecimento da causa.

Pareceu mais aos legisladores, na instituição d'este tribunal, que as interpretações por elle dadas ás leis, no acto de declarar falsa a applicação que d'ellas fizerem os juizes recorridos, contribuiria para se ir assim successivamente fixando o sentido das leis duvidosas.

Na épocha, em que este projecto pendia perante a camara dos senhores deputados, publicámos nós no numero 288 da *Restauração* um artigo, em que procurámos mostrar que um unico tribunal de revista por nullidades em paizes tão vastos como, por exemplo a França e Portugal, cujos estados se acham dispersos pelas quatro partes do mundo, longe de ser uma saudavel providencia, era um insupportavel vexame.

Tambem julgamos ter demostrado n'aquelle artigo que, não sendo necessaria a intervenção de uma auctoridade que fixe o sentido das leis, se não quando estas são escuras; essa prerogativa só póde competir ao poder legislativo: e que, emquanto elle a isso não provê, substituindo por lei clara a lei que se houver reconhecido ser escura; (ao que se chama por metaphora, *interpretação*, com o epitheto de *authentica*) compete a cada um dos magistrados, tanto judiciaes, como administrativos, a *interpretação* propriamente dicta e que se costuma appelidar *doctrinal*. D'onde inferimos que seria inconstitucional o pertender que as interpretações emanadas do supremo tribunal tivessem força de obrigar em todos os casos similhantes áquelles que as houvessem provocado: e que obrigar os juizes da revista a adoptarem-n'as contra suas convicções, seria esbulhal-os do character de juizes; pois que este nome só póde competir a quem julga livremente segundo os dictames da sua intelligencia.

Entretanto os membros do *tribunal de casação* em França, não soffrendo que as suas decisões fossem, como eram muitas vezes, rejeitadas pelos juizes de revista; obtiveram que estes fossem por lei obrigados a adoptal-as: e é por imitação d'este melhoramento de condição, que o nosso governo, ouvidos os mais distinctos d'entre os nossos jurisconsultos (e determinadamente os illustres auctores dos opusculos que hoje annunciamos) submetteu ás cortes geraes o projecto, que o docto presidente da Relação de Lisboa, reconsiderando a materia, combate na sua memoria: e cuja defeza faz objecto das observações, que sobre essa memoria publica o facundo auctor do segundo opusculo.

No primeiro nota-se abundancia de argumentos deduzidos de principios juridicos apoiados por numerosas citações que attestam vasta erudição, philosophia e bom gosto em Litteratura.

No segundo, postoque se reconheça erudição não vulgar e uma extraordinaria sagacidade de espirito, descobre-se o systema de afastar tudo quanto fosse argumento philosophico: não admittindo outro principio

de direito senão a lei positiva, nem outras fontes de argumentação mais do que a auctoridade dos escriptores que, adoptando uma similhante jurisprudencia, constituem a celebre escóla; que em Alemanha se appellida *historica* e em França *doctrinaria*.

Assim o illustre critico funda toda a sua argumentação em que a ampliação d'attribuições conferida pela nova lei ao supremo tribunal, tem a seu favor a approvação e os applausos de quasi todos os tribunaes de França e a opinião dos muitos e mui distinctos jurisconsultos nacionaes e estrangeiros alli citados.

Na primitiva instituição as causas eram definitivamente julgadas pelo tribunal de revista; mas os legisladores, advertindo que tambem n'este se podia dar caso de nullidade, determinaram, que, em as partes ou o ministerio publico intendendo haver-se verificado esse caso, se recorresse de novo ao supremo tribunal; e para pôr um termo á demanda, ordenou-se que ahi se conhecesse do merecimento da causa, uma vez que se desse provimento no recurso.

O erudito auctor do primeiro opusculo, parecendo não impugnar esta appellação, no caso em que o segundo tribunal tivesse differido do primeiro, quanto á applicação de direito; contesta os fundamentos com que o projecto de lei attribue á maioria do supremo tribunal maior capacidade do que ás maiorias reunidas das relações: e mesmo á totalidade de ambas, quando n'ellas se tiver julgado uniformemente, mas em sentido diverso do supremo tribunal. O modesto presidente faz apenas sentir que muitos dos membros do tribunal supremo devem ter acabado de sair das relações onde deixaram muitos collegas, pelo menos, tão dignos, como elles, d'aquella promoção.

A isto responde o illustre critico: que, não obstante dever-se isso verificar, muitas vezes deve-se presumir o contrario, em geral; sendo certo que a escolha dos governos costuma recair sobre os mais distinctos pela sua longa experiencia, virtudes, e saber.

Mas o argumento sobre que mais se apoia o critico observador e que o tribunal deixaria de ser *supremo* se os segundos juizes podessem rejeitar a interpretação por elle dada á lei.

Admira que um jurisconsulto de tão delicada intelligencia não percebesse que n'este argumento ha uma petição de principio, que é responder á questão com a mesma questão. Com effeito o que se tractava de provar era, que a supremacía d'aquelle tribunal não deve consistir só em declarar nulla a sentença da primeira relação, mas que deve abranger a prerogativa de obrigar a segunda relação a adoptar a sua jurisprudencia. Se pois o que está em questão é o valor do epitheto *supremo*; ha um circulo vicioso em suppor que se deve tomar em toda a latitude da sua significação.

Accrescenta o critico observador: que, sem esta prerogativa do supremo tribunal impor á segunda relação a sua jurisprudencia, ficaria elle reduzido á simples categoria d'um distribuidor de feitos.

Confirmar ou declarar contraria á lei a sentença d'uma relação e cassal-a não importa em mais, aos olhos do nobre jurisconsulto, do que uma simples distribuição de feitos!

Confessamos que não esperavamos encontrar um tão insulso gracêjo em assumpto de tão seria natureza, e da penna de um tão grave escriptor.

Objectára mais o docto auctor da *Revista:* que o supremo tribunal, conhecendo do merecimento da causa, ía a ser uma terceira instancia, contra a expressa prohibição da Carta.

A isto responde o illustre critico: que para o julgamento do supremo tribunal ser instancia, era mister que perante elle houvesse debate, por que assim o tem dito varios jurisconsultos.

Permitta-nos o sabio observador lhe façamos notar, que esta coarctada implica uma grave accusação contra o eminente jurisconsulto redactor da Carta; pois lhe attribue o pensamento de prohibir um terceiro gráu de julgamento com a odiosa e iniqua condição das partes não serem ouvidas; pois que o illustre critico diz que a Carta só prohibe esse terceiro gráu quando as partes houvessem de ser ouvidas.

Tomâmos a liberdade de observar a ambos os doctos Jurisconsultos que nem o julgamento na segunda relação, nem agora no supremo tribunal constitue uma terceira instancia, ainda que houvesse debates; porque, o que a Carta prohibe, é que haja um terceiro julgamento, tendo unicamente um dos dois sido reformado, mas nenhum d'elles annullado; e, portanto, a decisão do supremo tribunal, que cassou o julgado de qualquer das relações, tornou nenhuma aquella instancia.

Já fizemos observar, como a lei franceza, obrigando os segundos juizes a adoptar a interpretação da lei, segundo o pensamento do *tribunal de cassação*, os esbulhou da qualidade de juizes. Mas como lhes ficára a liberdade de instaurar o processo, aconteceu algumas vezes reconhecerem elles que o facto havia sido mal classificado pelos primeiros juizes; e, portanto, dando-lhe differente classificação, era consequente fazerem uma applicação de direito diversa, não sómente da dos primeiros juizes, mas tambem da do *tribunal de cassação*. Lembrou que se esta alteração havia de acontecer algumas vezes por effeito de sincera convicção dos segundos juizes, haveria outras occasiões em que elles torcessem o facto, para ter logar a variação do direito, e assim illudirem a obrigação de adoptarem a jurisprudencia do tribunal superior.

Ordenou-se pois que os segundos juizes tomem o facto, como elle vier classificado pelos primeiros juizes.

Ao ouvir esta disposição revoltou-se a consciencia publica, horrorisada de ver que, debaixo do regimen constitucional, se impunha aos juizes a obrigação de julgarem contra o grito das suas proprias consciencias. Revoltou-se o senso commum, ouvindo dar o nome de juizes a um corpo de magistrados reduzido á funcção, tão indecorosa para elles, como inutil para as partes, de repetir a exposição do facto e a applicação do direito como dos precedentes tribunaes lhes forem transmittidas.

No projecto de lei que faz objecto dos dois opusculos, impõe-se ao supremo tribunal a mesma obrigação de tomar o facto como elle vier classificado pelos primeiros juizes, não obstante a innegavel possibilidade de elles terem errado, de proposito ou por engano, n'esta classificação; e apezar da suspeita de ignorancia, negligencia, ou parcialidade que o mesmo supremo tribunal, annullando o seu julgado, deve ter feito pezar sobre elles.

Concebemos que o tribunal, bem como o thesoiro,

ganham em lucros (1) e dependencias; mas estamos persuadidos que elle, descendo da elevada cathegoria de julgador dos juizes a julgador da causa, perdeu muito da sua consideração e dignidade: sobretudo quando a lei o obriga a acceitar o facto como elle vier classificado da relação, recorrida sem audiencia das partes, e ainda quando do theor mesmo dos autos se depreenda ter havido erro ou abuso.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

NOVAS REFLEXÕES E ATTENDIVEL PROPOSTA ÁCERCA DOS DIAS SANCTOS.

2532 O AUCTOR do artigo 2482 d'este jornal substanciou as principaes razões religiosas e philosophicas, porque aos domingos se não deve consentir o trabalhar. No segundo numero, que se acaba de publicar, do interessante jornal o *Christianismo*, vemos a mesma doctrina expendida pelo Sr. João de Lemos com tanta eloquencia e poesia como saber. O primeiro raciocinou severamente o objecto, como Tassoni: o segundo doirou-o e floriu-o, como Chalteaubriand; e ainda todavia deixaram n'elle um ponto, em que uma penna, inferior á sua, se podesse exercitar: — esse ponto encetal-o-hemos nós hoje, movidos unicamente do receio que temos, de que nos espiritos dos philosophastros plebeus possam embeber-se, como doctrina sã, os paradoxos, com que se tem pertendido sanctificar o trabalho dos dias sanctos, revoltar o povo, em nome da philosophia, contra um dos preceitos mais expressos da egreja, e contra o sabio e zeloso prelado do Porto, que tem procurado e procura, segundo a obrigação do seu officio, extirpar, ou ao menos diminuir, este escandalo e profanação, tão geral, tão commum e tão insoffrivelmente soffrida, em nossos dias, por todo este reino fidelissimo.

Trabalhar é orar, dizem por ahi varios torneiros de phrases, dos que de certo nem oram nem trabalham. — Nem o trabalhar é orar, nem o orar é trabalhar: — a oração é boa, e o trabalho é bom: — a oração é necessaria e o trabalho é necessario: — a oração é preceito, e o trabalho é tambem preceito. Mas, por isso mesmo, é que se não devem deixar ultrapassar as raias, que a razão e a lei puzeram entre o trabalho e a oração.

A auctoridade não póde certamente obrigar ninguem a orar, nem impedir a pessoa alguma, em qualquer dia, de entregar-se, no secreto de sua caza, ás occupações que lhe approuver. Uma e outra coisa tem por unico juiz a consciencia do individuo, que, pelo que fez e pelo que deixou de fazer, lá dará contas n'outra parte; mas sendo a religião do estado a catholica, tem o estado obrigação e dever de não permittir que a desacatem, infringindo, com actos positivos e patentes, as suas leis, regulamentos e costumes. Isto que já se expendeu, foi de mais corroborado com aquella ponderação philosophica, — de que as forças, assim dos homens como dos animaes de serviço, carecem de se refazer pelo descanço; e que o trabalho perenne, — presuppondo que nos podessemos reduzir a machinas de motu continuo, o que é falso, — fundiria ao cabo do anno menos obra que o trabalho compassado. Considerou-se finalmente como estas interrupções ás fadigas corporaes redundavam em proveito da sociabilidade e mutuo amor; falta porém addicionar que o repouso dos domingos não se emprega só em levantar os pensamentos para o céu, em retemperar a energia physica embotada, e em estreitar, pela convivencia, os vinculos da familia e os das familias. Póde empregar-se e emprega-se ainda o mesmo ocio para um quarto fim, a cujo respeito não ha ahi incredulos nem espitos fortes: — são este fim o divertimento e os prazeres.

Ainda aquelles a quem nada cançou nos seis dias da semana, afóra a preguiça, sentem refinar-se os seus passatempos n'um dia, em que tudo está de festa: pelo commum não vão ao templo, nem se ficam em caza saboreando-se em amar e ser amados com innocencia e pacificamente; mas vão para os passeios, para as assembléas, para mil diversões de que não é o menor encanto o saber-se, que n'essa hora, tudo está feriado, tudo está folgando: o estrépito de um martélo de caldeireiro basta para despoetisar o domingo do mundano, accordando-lhe na imaginação, todo o prosaico reboliço das existencias, com que a sua anda sempre inevitavel e semsaboramente intertecida.

O trabalho pois ao domingo infringe a lei ecclesiastica, — contraría o principio philosophico, — e attropella o direito que, — tanto os activos como os inertes, — podem allegar contra os perturbadores do seu recreio.

¿Não será porém excessivo o numero dos dias sanctificados no kalendario portuguez? — Confessamos que sim, pois que passam de septenta os de cessação absoluta de trabalho. D'esta conta cincoenta e dois são os domingos, os outros vinte, não os defenderemos de sobejos e lesivos ao geral interesse. Ora eis-aqui, o que nós — a sermos governo d'este reino, — indubitavelmente fariamos e quanto antes. — Ao mesmo tempo que pelos Srs. Bispos e auctoridades civis competentes, forcejariamos porque desapparecesse nos dias de festa todo o trabalho e tráfego rural, industrial e mercantil com as prudentes excepções, que o uso tem marcado, e a que nem os parochos nem os prelados se costumam oppôr, diligenciariamos da Santa Sé — que todos os restantes dias sanctos, exceptuando só tres ou quatro maximos, fossem supprimidos ou encorporados nos domingos proximos. — Com isto se meteriam em cada anno dois terços de mez nos trabalhos, de que a plebe se alimenta, e tirar-se-hia o pretexto aos que, por habito e systema, infringem o mandamento ecclesiastico, dando ao vulgo e a todos um máu exemplo, que lá vác depois fazer-se sentir, não sem gravissima ruina, na observancia de todos os outros mandamentos da Egreja e do Decalogo. E' de crer e até certissimo que Sua Sanctidade, com a prudencia, que o exorna, decretaria para logo uma reformação tão util ás coisas do espirito como ás do seculo. A verdadeira religião em nenhuma coisa damna os interesses materiaes como cuidam os tolos, antes, indirecta e directamente, os favorece, os ajuda, e os corôa.

(1) Ha quem pense, que, tornando-se a administração de justiça mais dispendiosa, se diminuirá o numero das demandas. Esta opinião é problematica. Mas o que não admitte duvida é que, por esse meio se difficulta ainda mais a defeza de seus direitos ás classes menos abastadas. Não é por meio de estratagemas que se corrigem os abusos; nem são estas as reformas que demanda a sizudeza do systema constitucional.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

TOMADA DE OBIDOS.

11 de Janeiro de 1148.

2533 Era Obidos villa forte, cercada de grossos muros, posta em logar eminente com um castello fundado no mais alto de uma rocha. Com esta praça dominavam os moiros grande parte da Estremadura, e faziam continuada guerra a muitos logares dos christãos, a que chegava o poder de suas armas. Não soffreu o generoso coração de elrei D. Affonso Henriques este escandalo de suas victorias, e com os soldados mais escolhidos do seu exercito lhe pôz um apertado cêrco. Foi a defensa valorosa, e dilatada; mas como a resistencia dos barbaros inflammasse mais a ira dos christãos, atacaram as muralhas com tão destemida, como gloriosa resolução. Valentes, e pertinazes rebateram os moiros o assalto; porém dobrando-se o esforço, e chólera dos expugnadores, o continuaram de modo, que entrando o castello, cedeu o furor dos sarracenos, e conseguiu o nosso monarcha uma tal victoria, que lhe dilatou o estado da sua corôa, o respeito do seu nome, e a felicidade dos seus vassallos a quem libertou de jugo tão pesado.

Francisco Barbosa Machado.

ÁCERCA DO TUMULO DE UMA PRINCEZA.

(Vide o artigo 2409.)

2534 Sou assignante da *Revista Universal Lisbonense*, e não é por luxo; para juntar-lhe as folhas, e formar bellos livros, que vão servir d'ocioso ornamento á estante: apenas o distribuidor me entrega o ultimo numero d'ella, logo que a minha laboriosa occupação o permitte, leio-a de *fio a pavio*; e não poucas vezes reuno a familia, e lhe digo, — querem ouvir lêr o *mestre da vida?* — Então uma velha meia estonteada, que ha em caza, me diz logo (isto acontece todas quantas vezes uso d'aquella expressão, — que lhe hei-de fazer, se ella tem a memoria quasi de todo perdida), — ó Senhor, — mestre da vida não é um livro de orações muito bonitas, que nos ensina a ir para o céu? — Podia não lhe responder; mas em fim por caridade, e por evitar equivocos para com os outros ouvintes, e principalmente para com minha mulher, que os aborrece mortalmente, sempre vou explanando a minha idéa com lhe dizer: este escripto não é o Mestre da Vida d'orações mysticas, que você julga; ensina sim a ir para o céu; não ha duvida, e é por isso, que bem lhe quadra um tal titulo; por que n'este impresso da *Revista*, que não é d'historietas insulsas, você verá desinvolvidos, e insinuados por entre amenissimas flôres d'instrucção e recreio os mais sólidos preceitos da verdadeira religião, que nos leva ao céu; aqui aprenderão com documentos vivos e exemplos tocantes o marido, a mulher, os filhos, os servos, os amigos a serem bons e tementes a Deus no regaço da sociedade domestica, para que possam no meio da sociedade geral ser bons cidadãos (perdoem-me, os que não querem, que a vida privada seja para isto argumento; eu sigo inteiramente a opinião contraria á d'elles); aqui aprenderão as almas bem formadas não com palavrões emphaticos, e vasios d'applicação, mas sim com o sasonado fructo da experiencia a cultivar a virtude, e a fugir o vicio; aqui instruir-se-hão os cidadãos honestos, os patriotas verdadeiros de todas as classes e profissões em coisas de seu interesse, e d'utilidade para a patria; aqui o philosopho, o poeta, o historiador, o philologo, o estadista, a auctoridade publica, o empregado, o lavrador, o artista, o commerciante, todos sem distincção de seitas ou partidos, — tyrios ou troyanos, — todos sem differença, aqui poderão saborear comida de seu appetite, manjar proprio de sua nutrição. ¿E á vista de tudo isto, não terei eu razão de chamar Mestre da Vida á *Revista Universal?* — A velha da pergunta, e os mais da familia, emquanto eu enthusiasticamente peroro por este modo escutam-me boquiabertos (é agora palavra de escolha), e no fim exclamação, — ah! isso é verdade; — ¿porém tudo isso tambem lá vem escripto na *Revista?* — Não vem mas póde vir; escutem, e dêem attenção. — É esta, que eu tambem agora supplico de V. pois que tendo tido a paciencia de lêr todo este aranzel, e não sabendo o alvo que eu miro talvez o tenha já capitulado de elogio sediço á *Revista*, quando não é senão preambulo para o fim de uma reparação, o que não teria logar, se eu não tivesse o gosto e a vontade de lêr todos os numeros da *Revista*. Na verdade lia eu d'ella o artigo 2409 do n.º 17, intitulado — *Tumulo de uma Princeza*; — e minha mulher, que á frente dos outros ouvintes domesticos me escutava, regendo tarefas de bordados e costuras, ía reparando na mudança da minha physionomia, quando eu *navegava já pelas alturas* do artigo; e *desembarcava* com o seu auctor juncto da *obra* de *D. Affonso, o Africano*, isto é, defronte do ex-convento do Beato Antonio, como vulgarmente se chama; — que tens tu, me diz ella no ponto de chegar ao *vestibulo n'aquelle momento* (e inda agora) *um vasto deposito de aduélas e vasilhas*, — torceste-te agora todo, como se te dessem com alguma d'essas aduélas, de que fallas. — Tens graça, lhe respondo, é movimento involuntario, vamos continuando, que este artigo está mui bem escripto, e no fim te direi o motivo da minha torcedura. — Olhem que carêta, — me torna ella com uma gargalhada, no momento em que ía chegando ás *estancias de Belzebuth, que não ao recinto de uma egreja;* — parece que viste agora a propria face do negregado Satanaz? — Ora não querem lá rir, começou tão alegre a lêr a viagem d'aquelle senhor, apesar do melancolico d'ella, e agora está todo carrancudo, como se a *machina da debulha* lhe atordoasse os ouvidos, e o *tepido fumo* lhe chegasse aos olhos? — Não é nada, ouve, e não me interrompas, que no fim te darei a razão de tudo. — Acabei de lêr, e foi então, que emvez de reparar ella em mim, reparei eu no sério d'ella, ou antes olhámos ficto um para o outro; e minha mulher interrompeu logo o silencio dizendo-me: — ¿aposto em como eu sei o motivo, porque te fez essas impressões a leitura do artigo? — Ora dize lá, lhe respondo: — tu foste, prosegue ella, provedor d'este bairro no tempo da extincção dos conventos; tu tens sido, e és ainda administrador do mesmo bairro; tenho-te ouvido discorrer por muitas vezes sobre a maneira, porque tudo se fez e tem continuado até hoje; sei que és um defensor acerrimo da conservação dos monu-

mentos antigos, e religiosos; não gostaste por isso de lêr uma especie de censura, feita ao desmasêlo, com que deixam cahir em ruinas e desacatar essa egreja *rica e amplamente mimoseada de grandes offertas de nossos reis*, quando aliás podia conservar-se, e dar-se-lhe algum destino: parece que te does por não teres feito alguma requisição a este respeito, como auctoridade d'este districto; ¿não é assim? Ora dize lá? — Assim é; mas ninguem talvez primeiro do que eu se contristou do desamparo e anniquillamento, a que, como se fossemos em Getulia barbara, íam a ficar reduzidos alguns edificios monasticos, modêlos soberbos d'architectura, monumentos primorosos de reliquias venerandas e sacratissimas. — Por entre as arcadas gothicas, sobre as naves abandonadas, d'em torno aos altares profanados, atravéz dos claustros desertos, carpia o genio do christianismo, ao vêr murcharem-se e desfolharem-se os florões preciosos, que em eras menos civilisadas (direis), mas mais felizes, engrinaldavam os templos do Senhor. Envolta em negro crépe a religião sancta de nossos paes estremecia horrorisada; e, ao sópro ressequido do demonio da destruição, olhos e mádidas faces cobria com as mãos, para não vêr o abismo, em que seus filhos íam a precipitar-se. Era um facto tremendo; Deus na sua insondavel omnisciencia assim o permittia. Entretanto ainda alguem houve que fez esforços para oppôr-se á torrente devastadora; ainda alguem tentou salvar e conservar pelos modos possiveis alguns d'esses monumentos da nossa passada gloria. Longe está talvez o eximio archeólogo, auctor do artigo, de dirigir-se a mim com a sua censura; mas eu não deixarei de lhe dizer, publicamente, que reconheci, e reconheço como elle a importancia da egreja d'aquelle ex-convento; que tentei conserval-a, que d'isso posso apresentar documentos, e que ainda em 1838 me custou uma intriga traiçoeira a informação que mandei para a administração geral a favor da mesma egreja, indicando-a como mais apta, e sob todos os respeitos mais conveniente, para ahi continuar a existir a parochia de S. Bartholomeu do Beato Antonio, a que pertence aquelle sitio. Era este o meio de conservar a egreja, se não com o antigo esplendor, pelo menos com a decencia precisa a um templo magnifico que encerrava memorias tão charas. As razões que para isto dava, são as mesmas apresentadas pelo auctor do artigo a favor da obra a que alludc. Se não reproduzi na minha informação tantos documentos archeologicos, disse quanto uma auctoridade, subjeita a um complicadissimo expediente de negocios publicos, póde dizer, e quanto era sufficiente, para que o meu parecer fosse adoptado; — parecer inteiramente conforme aos desejos e votos dos habitantes d'aquelle sitio, que para tal effeito dirigiram um requerimento a Sua Magestade, que ainda hoje póde ter deferimento sem quebra antes com proveito dos interesses publicos, e do estado, reparando-se por este modo o mal, que se lamenta. O tempo não me sobeja para espraiar-me em assumpto que arrastaria muitas considerações, porém não posso, nem devo terminar o meu discurso sem applicar algum correctivo a certas expressões, demasiado poéticas, com que o erudito Sr. Palmeirim, quiz adornar o seu artigo, aliás mui bem escripto — *Tumulo de uma Princeza.* — ¿A extincção das ordens monasticas foi uma necessidade? foi um erro? ou houve precipitação *nos meios porque se extinguiram?* Não entrarei n'esta discussão inteiramente alheia do meu proposito: abalisados intendimentos portuguezes se teem dado a similhante tarefa; cada um fique com a sua opinião. Entretanto a extincção das ordens religiosas foi um facto, e por uma consequencia inevitavel os conventos ficaram sem destino: alguns tiveram depois differentes applicações, outros foram vendidos; mas seja dicto em abono da verdade, sem que entre aqui outra alguma consideração; nenhum dos homens que desde então até hoje tem regido o paiz, deixou ainda de ter a consideração possivel por algumas egrejas pertencentes aos conventos, que entraram em venda: assim aconteceu com o dos conegos de S. João Evangelista do Beato Antonio: é verdade que não tem havido, nem póde haver cuidado no seu aceio, porém as portas estão fechadas, e as chaves em poder do parocho da freguezia; alguem comtudo ahi póde entrar accidentalmente, e tomar nota do seu abandono, — porque em verdade está abandonada. Comtudo, pelo que pertence ao corpo do edificio que foi convento, e que, como o Sr. Palmeirim assevéra, além de ter servido de aquartelamento a soldados, foi prêsa de um incendio, — teve depois, e tem ainda agora a applicação mais brilhante, que se lhe podia dar, visto que por dura necessidade deixou de ser caza religiosa. O benemerito e honrado cidadão, negociante da praça d'esta cidade, o Sr. João de Brito, comprou aquellas paredes tisnadas, e o resto que ainda existia do edificio, enterrando alli grande somma de contos de réis: sem poupar despesa alguma este homem d'animo grandioso alli formou um estabelecimento d'industria, digno de vêr-se, e digno de admirar-se; pena é que o Sr. Palmeirim se não demorasse lá um pouco mais, para com a sua habil pena nos dar uma descripção d'elle; o que por certo não deixaria de fazer, se a sua viagem ao sitio não fosse tão precipitada, e se o seu espirito estivesse menos previnido. Que vá alli, seja quem fôr, e que despido de prevenções, diga, se um *vasto deposito de aduellas e vasilhas*, que tem de servir á labotação e trafego dos optimos vinhos, e agoardentes da nossa terra, é coisa que horrorise? Que vão áquelle soberbo estabelecimento, e aprasivel residencia, e que digam todos, se o stridor do trabalho tão util á humanidade, como o de nos dar o primeiro sustento, — pão, e vinho —, se a chaminé, e fumo de uma rara e custosa machina de vapôr, que mõe o trigo, e peneira a farinha em differentes sortes; — se o bater dos martellos occupados em fabricar, e reparar os toneis, tem alguma similhança, ou póde designar a habitação do espirito das trevas? O diabo ama a ociosidade, que é a sua golosina, aonde sempre encontra o vicio e o crime; ao passo que aborrece o trabalho, que faz os homens virtuosos, e bons para Deus. Os braços nús e açodados, e o rosto enfarruscado do homem laborioso, quando se emprega na sua labotação, é mais agradavel ás almas bem formadas, do que as guedelhas frisadas do gamenho ocioso e devasso. É coisa bem notavel, que um bando de tanoeiros nas officinas do seu trabalho, enlabusados em borras de vinho, e arqueando a uma fogueira as aduellas, parecesse ao Sr. Palmeirim um conventiculo de diabos ás portas do inferno! Mais de-

pressa teriam elles essa similhança, se os encontrasse alli com os rostos lavados, e de bigodinhos brunidos, enfrascados em extracto de mel, e vestidos de judias bordadas, dançando uma *galopada* em roda das pipas. Emfim o sitio do Beato Antonio estaria hoje érmo, e pavoróso, se o Sr. João de Brito alli não formára, além de uma bella vivenda, um estabelecimento tão util e transcendente, que hoje está dando de comer a muita gente, occupada nos trabalhos da fabrica: muitas pessoas curiosas alli vão todos os dias para recrear-se, e examinar a machina de vapôr, e os ingenhos da fabrica do Sr. Brito, pois que em verdade está tudo arranjado com o maior esméro. — Concluo por assegurar ao Sr. Palmeirim, com quem simpathiso, que se ao correr da penna n'estas linhas apressadas escapou alguma expressão, de que ainda levemente possa offender-se, eu a dou por não escripta, pois que não foi minha intenção detraíl-o, mas sim levantar a censura com que eu, na qualidade de auctoridade publica, e mais alguem podia, injustamente ser acoimado; concorrendo aliás por esta fórma quanto em mim cabe, para a reparação do tumulo de uma princeza.

Lisboa 16 de dezembro de 1843.

Francisco de Sena Fernandes.

CASIMIR DELAVIGNE.

2535 Em Paris alleceu o distincto poeta, conciliador da eschola antiga com a moderna, Casimir Delavigne. Passante de seis mil pessoas o acompanharam á derradeira jazida no cemiterio do *Père Lachaise*, onde *Victor Hugo*, e *Frederico Soulié* lhe fizeram eloquentes orações de despedida. O rei dos francezes mandou um ajudante de ordens ao filho do finado, para lhe affiançar a sua protecção. Poucos povos e poucos reis fazem d'aquillo.

Por esta occasião não deixará de ser lida com dobrado interesse a seguinte mimosa peça de poesia, composta por aquelle poeta, e recém-imitada pelo nosso bom amigo o Sr. Mendes Leal nos primeiros dias da sua convalescença.

A VACCA PERDIDA.

2536 ¿Quem me encontrou, lá na serra,
A vacca preta que eu tinha?
Châmo-a em vão: não me responde....
Perdeu-se a pobre vaquinha.

Outros bens de meu não tinha,
Nem já outros bens queria;
Não tinha já mais ninguem:
Era a minha companhia.
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

¿Não temes ir pelas moitas
Dar com o lobo carniceiro?
¿Não ouves chamar-te uivando
O nosso fiel rafeiro?
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

¿Faltou-te, acaso faltou-te
Na manjedoira a ração?
¿Não tinhas tu herva fresca
Emquanto eu nem tinha pão?
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Ai! sem razão me fugiste,
Más palavras não te dei....
Só se foi ha quatro mezes
Quanto triste enviuvei!
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Eras ama de meu filho
Que sem ti se vae finar:
Vendo a arribana deserta
¿Quem m'o ha-de consolar?
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Quando, em Maio, reflorirem
Estes nossos arredores,
¿Quem ha-de levar-te ao pasto
Toda enfeitada de flores?
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

¿Lembra-te, ingrata, do dia
Que eu tremia co'a sesão:
E mas por livrar-te ao frio
Te cubri c'o meu gavão?
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Adeus, sem ti voltarei:
Procura mais rico abrigo;
Busca outro dono que eu morro....
Horas de Deus vão comtigo!
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Foge á neve na montanha,
A' sombra foge no val:
Ha-de acabar-me esta perda....
Mas não te desejo mal!
¿A vacca preta, que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Virás co'as pontas rapar
Algum dia á minha porta:
Virás tarde, que has-de achar
A familia então já morta!
A vacca preta, que eu tinha,
Ai! perdeu-se: — coitadinha!

Mendes Leal Junior.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2537 Um decreto do governo hispanhol de 24 dezembro dissolve as cortes. A rainha Christina é tornada a chamar para o reino para tutora de sua filha, a infanta D. Maria Luiza. Acha-se em Pariz; e será recebida na primeira povoação hispanhola por um esplendido cortêjo de grandes, camaristas, e generaes. *Ameller* persiste ainda no forte de *Figueras*, mas presume-se que brevemente haverá capitulado. Os facciosos, que teem campeado por Valencia e alta Catalunha, vão sendo parcialmente batidos por uma columna movel. — Alguns jornaes porém suspeitam novos pronunciamentos e recommendam ao governo vigilancia.

ACTOS OFFICIAES.

2538 *Diario do governo* 1 *de janeiro de* 1844. — Decreto marcando o modo como se hão-de cobrar os 6 por cento do pescado. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 2. — Ordem do exercito n.º 46. Venda e remissão de fóros e pensões. Amortisação e queima na junta do credito publico de 513:068$402 réis em papeis de credito do estado.

Idem de 3. Sessão real da abertura das côrtes.

Idem de 4. — Venda e remissão de fóros e pensões.

O REI DOS FLORISTAS.

2539 Lê-se no *jornal do Commercio do Rio-de-Janeiro* uma carta que de Paris lhe escrevem, na qual fallando da loteria, que no *Palais Royal* se fez para as victimas da Guadalupe, diz o auctor o seguinte.

» Muitos dos donativos offerecidos por esta occasião, excitaram a admiração dos curiosos; porém um só fez espanto, e esse foi offerecido por um homem que o turbilhão politico do seculo XIX arrojou do Tejo para o Senna para vir ser em Pariz uma verdadeira celebridade n'um genero de industria em que Pariz não contava rival no mundo. Direi a respeito d'elle duas palavras, porque o homem merece ser conhecido. »

» O rei dos floristas chama-se *Constantino*: e *Constantino* é portuguez! Entre as victimas que o volcão de 1834 vomitou para fóra de Portugal, achava-se um porta-bandeira do batalhão de voluntarios realistas da Villa-For, natural de Moncorvo, que dos assassinos da sua terra, fugia para Italia, para onde via fugir os mais. Algum tempo passou sem occupação em Italia, onde em breve a desgraça lhe ensinou quanto era amargoso o pão comprado com a vergonha de o pedir. A todas as portas bateu a ver se achava emprego para dois braços que tinha, e todas achou fechadas; d'aqui colligiu que, se em si mesmo não encontrasse recursos, debalde os procuraria em outra parte. Lembrou-se de aprender a florista. Diz elle que foi o acaso que lhe suscitou esta idéa; eu digo que foi inspiração. »

» O braço direito da fortuna é o trabalho, e o esquerdo é a economia. *Constantino* poz em acção um e outro, e em breve ajuntou 500 francos. Quando se viu tão opulento, lembrou-se de partir para Pariz, cujas flores offuscavam a belleza de todas as que se faziam em Italia. Seu dicto, seu feito; mas quando entrou em Pariz, achava-se com 30 soldos de seu. D'esta vez não lhe foi preciso imaginar muito para obter meios de vida: fez um ramalhetinho de flores, foi com elle a casa de um dos melhores fabricantes, e perguntou-lhe se lho queria comprar. » Quem é que fez estas flores? perguntou o dono da casa, examinando-as. » — » Fui eu, respondeu *Constantino*. » — » Quereis vir trabalhar na minha fabrica? » — » De muito boa vontade. Quanto me dareis por dia? » — » Trinta soldos, casa cama a e mesa. » — » Está dicto. »

» No primeiro mez ganhou *Constantino* 30 soldos por dia, no segundo 50, e no terceiro 100. »

» Vendo que as coisas corriam d'esta maneira, poz casa por sua conta. Com que resultado, di-lo-hão as circumstancias em que actualmente se acha. Está ha menos de quatro annos em Pariz, e já possue um fundo de dusentos mil francos que empregou em rendas do estado; vive n'uma casa de que paga 8 mil francos de renda, e tem 30 officiaes d'ambos sexos que trabalham em sua casa, e a quem dá de comer. Em breve terá milhões; depois do que, menos queixoso da sua terra que Scipião, irá pedir áquelles que o proscreveram 8 palmos de sepultura na terra em que nasceu. «

» As flores que *Constantino* fabrica, não teem outra differença das naturaes, senão que estas murcham e as d'elle não; as folhas, as petalas, a côr, o cheiro, a flexibilidade, todos os mais insignificantes accidentes da natureza, são imitados com a ultima perfeição. Quando casou a princeza Clementina (em 20 do mez passado) encommendou-lhe a rainha a corôa de flores de larangeira que sua filha, segundo o costume da França, devia levar na cabeça, quando se apresentasse perante o altar. Levou-lhe *Constantino* duas, e disse-lhe que escolhesse S. M. a que quizesse. Depois que a rainha fez a sua escolha, disse-lhe o artista: » V. M. preferiu esta: porém aquella não é peior; aqui as deixo ambas, e pelo mesmo preço de uma só; » no dia seguinte conheceu-se que as flores de uma d'ellas eram naturaes, porque estavam todas murchas; os olhos de uma mãe, examinando a corôa nupcial de sua filha, não tinham podido perceber a differença! »

» O presente que *Constantino* offereceu para a loteria da rainha foi egualmente de flores feitas pela sua mão. A perfeição d'ellas excitou tal enthusiasmo no *mundo fashionable e elegante*, que alli mesmo no salão do *Palais Royal* homens e senhoras romperam em altos gritos: *Vive Constantin! Vive le Roi des Fleuristes!* Desde este dia ninguem conhece *Constantino* senão pelo nome de *Rei dos Floristas*: a *bella* que não traz no seu chapeu um ramo de *Fleurs Constantin*, não é ninguem; as encommendas que lhe vem de todas as partes de França, de Inglaterra e até da Russia, são aos montes. »

MEMORANDUM THEATRAL.

2540 Ha muito quem negue o direito de patear, como uma atropellação do direito, que, no acto de pagar a sua entrada para o spectaculo, adquiriram os outros de pacificamente se gosarem d'elle. — Não queremos nós ser tão rigorosos: o emprezario é um fabricante, que se faz pagar adiantado, e antes de mostrar a sua fazenda; se a der má ou estragada, não fica ao seu freguez outra desforra, senão manifestar-lhe que está descontente d'ella. ¿Mas quem é o freguez a quem se ha-de reconhecer este direito? — unicamente o publico; e publico não é senão a totalidade ou a maioria: logo a totalidade ou a maioria podem patear, presuppondo, já se sabe (o que nós não affirmaremos) que as pateadas não unanimes, são licitas, (salvo depois de terminado o spectaculo, por que então já se não perturba o divertimento de ninguem).

Acceitemos a posse velha e o costume como direito. O publico póde patear perturbando e interrompendo a representação; ¿mas com que logica se poderá transferir este já de si, mui problematico direito para a minoria? ¿Como hão-de meia duzia de homens que não pagaram mais, transtornar e embargar o recreio de mil pessoas que alugaram o spectaculo para o usofruirem inteira e quietamente? que o approvam? que estão patenteando a sua approvação? e com esse mesmo acto protestando contra a violencia e roubo que se lhes faz? É absurdo, é violação da propriedade, é infracção do principio das maiorias, fundamento essencial de todo o systema politico moderno, e é na auctoridade vergonhosa fraqueza o consentil-o.

Nos theatros européus de primeira ordem, em cuja conta entra o de S. Carlos de Lisboa, ha tambem pateadas e estrondosas; ¿mas quando e como? — raramente, quando val a pena, e dadas pela maioria. Em todos os outros casos, o grito de, *rua*, *rua*, *à la porte*, força os discolos ao respeito. Se assim não fosse, os theatros artisticos não distariam muito em decencia e cathegoria das praças de toiros, ou das danças de ursos e macacos nos arraiaes das romarias provincianas.

Em S. Carlos observa-se, ha muitos annos, o contrario, e é esse um dos argumentos da nossa selvajaria, com que os estrangeiros nos apupam nos seus jornaes e conversações. — S. Carlos, cujas companhias teem sido muitas vezes das melhores, que jámais cantaram em theatros pobres e de quasi gratuito accesso, S. Carlos tem a signa de ser sempre tyranisado e dominado (não se sabe por quê) por oito ou dez particulares, influidos nos seus juizos, não pelo amor e conhecimento da arte, mas pelo amor e conhecimento de tal ou tal dama: d'aqui, aquellas interminaveis guerras de *alecrim* e *mangerona*,

de *boldrinistas* e *barilis'as*, e hoje — ¿quem n'o creria? — de *olivieristas* e de *rossistas*. D'aqui a perda que teem padecido, na sua força moral e por consequencia na sua virtude medicinal, as pateadas. D'aqui o tédio, que as pessoas sisudas e as senhoras, não costumadas a presencear grosserias tabernaes, já vão sentindo contra os bancos d'aquelle circo, chamado ópera. D'aqui as novas difficuldades que os futuros emprezarios encontrarão para acharem cantores ou dançarinos de merito, que se resolvam a desterrar-se de Roma para entre gétas e saurómatas. D'aqui emfim o faltarem até emprezarios; o fechar-se hermeticamente o theatro, o ficarem privados muitos centenares de pessoas dos seus mais agradaveis serões, e os dez ou doze auctores de tão bella obra reduzidos a trasladarem para certas cazas particulares, com privilegio de publicas, as provas do seu bom juizo, da sua justiça e da sua educação.

Sabemos que as pateadas acintosas teem ainda outras causas mais nojentas — despeitinhos de concorrentes supplantados, esperanças de supplantarem pelo enrêdo aos que não podem egualar com os meritos, desforras de exclusões, etc. etc. etc. Mas as causas principaes são indubitavelmente estas, que apontámos e que não queremos historiar, de enredinhos feminís, os quaes a tal incremento são chegados pela impunidade certa, que na manhã de domingo ultimo, já produzíram um acontecimento atroz e inaudito nos nossos fastos theatraes.

O Sr. *Antonio Porto* presidia ao ensaio do *Regente*. Havia no tablado bastidores e serventias adjacentes, mais de cento e cincoenta pessoas entre artistas, empregados e assignantes a quem graciosamente se permitte o assistir a taes actos: um dos assignantes (não pômos nomes, aonde se tracta de vergonhas) requer ao Sr. *Porto*, cujo conhecido e amigo era, duas palavras em particular: o Sr. *Porto* levanta-se immediatamente, dá-lhe o braço, condul-o para o fundo da scena. — Era o caso, que certa dama, escripturada pela empreza, e pela empreza agora enviada para o theatro do Porto, queria ficar na capital. Uma clausula da sua escriptura a obrigava a obedecer; mas o obedecer não lhe convinha, e invocava, segundo parece, uma promessa particular, que dizia haver-lhe sido feita pelo Sr. *Porto* extra officialmente, já se sabe, visto não ser elle emprezario, e que portanto só podia significar os seus bons desejos e a promessa dos seus bons officios. O Sr. *Porto* respondeu cortezmente ao plenipotenciario, que não era elle o auctor da remoção, nem estava em sua mão o revogal-a. Continuava, explicando-lhe o negocio, quando o campeão da D. *Dolorida* levando da grossa bengala, com que se apparelhára, lh'a descarregou violentamente por tres vezes successivas, sem lhe dar tempo para defender-se. A indignação, excitada por este acto de brutal demencia, foi geral e impetuosa. Alguns correram sobre o aggressor, e não foi, senão a muito custo, que este logrou subtraír-se por uma fuga precipitada á justissima chólera do Sr. *Porto* e de não poucos dos assistentes.

Para bem se avaliar a gravidade d'este attentado, não basta reflectir na semrazão, que o suggeriu, na covardissima falsa fé que o acompanhou, na escolha do logar e hora, em que foi commettido, pois que então e alli, era de alguma fórma o hospede que insultava o dono da caza e no centro de sua familia; — mas é preciso accrescentar, que o Sr. *Porto* é, pelo seu temperamento, pela sua edade, e pela sua educação, uma das pessoas mais inoffensivas e amenas, que se poderiam encontrar.

Esperamos o que fará a justiça, a quem o negocio já está affecto. O magistrado de policia correccional, que o ha-de sentencear, é um dos mais respeitaveis e respeitados do nosso fôro. A sentença não póde deixar de sair severa; e severissima a pede o clamor publico: aliás assim como das pateadas acintosas e impunidas, passámos já á apaleação, brevemente passaremos da apaleação ao assassinio em pleno theatro. Não é, não é de véras toleravel, que o spectaculo mais publico e mais alto da capital, que a vida mesma dos cidadãos, que o compoem, e que o dirigem, estejam á mercê do primeiro furioso, — e dependentes do primeiro sorriso matutino de uma divindade de bastidor.

THEATRO DE S. CARLOS.

ROLANDO E MORGANA — *bailete magico em 2 actos.*

2541 Esta composição parece um episodio tirado ou arranjado sobre outro d'algum poema; assim deslocada, não é possivel achar-lhe nexo, nem scopo, nem outro algum merito que o de servir d'occasião a um bailado com alguma graça, ao bonito *passo a tres* das jovens alumnas do Conservatorio, e ao *passo a dois* em que a Sr.ª Mabille alardeando outro genero de dança totalmente differente do da *Gisella*, — o da *força* — nos deu o gosto de a admirarmos tão habil e perfeita nos *passos* difficeis, como delicada e leve nos voluptuosos.

Por nenhum outro lado nos pareceu recommendavel este bailete, onde nem mesmo os Srs. Rambois e Cinatti quizeram ostentar a sua pericia; comtudo julgâmos que um spectaculo que merece repetidos applausos, por haver sido adornado de tão lindos *passos* dançados á musica do insigne Halevy, é bem digno de continuar em scena, por possuir em gráu superior o principal attractivo que se procura n'este genero de spectaculos.

Quizéramos consagrar maior espaço, se nos fôra dado, tratando do muito merito das tres meninas — Maria Luiza, Rita Rosa, e Emilia Campos, que em tão curta edade reunem ás muitas difficuldades da dança, que sabem vencer com perfeição, essa maneira seductora, graça e mimo, sem o que a dança não póde nunca ser agradavel. Estas tres meninas são com effeito de grandes esperanças, e honram muito a eschola de dança do Conservatorio. *Silva Leal.*

HONRA POSTHUMA NA TERRA DO NASCIMENTO.

2542 Fez-se em Coimbra nas salas da assembléa, estabelecida no extincto *convento da estrella*, o promettido baile, para beneficio das filhas de Joaquim Machado de Castro. Esteve lusido, e parece que rendêra, dedusidas as despezas, uns cem mil réis.

Coimbra fôra o berço do nosso illustre artista, e accedeu gostosa ao empenho, que mostraram para se esta festa realisar o Ex.^{mo} Governador Civil, o Sr. *Lopes de Lima*, e a illustre juncta, que activamente o coadjuvou.

UM BOM PRELADO.

2543 Devemos agradecimentos a S. M. pela, de todo o ponto, acertadissima eleição, que fez do Sr. Prior do *Fundão* para Bispo de *Angola*.

É um ecclesiastico instruido nas lettras sacras e profanas, de maduro conselho, de provada charidade e exemplar de virtudes christãs. ¡ Oxalá que sempre as mitras, principalmente as do Ultramar, cobrissem cabeças como esta!

ESTRADAS.

(Communicado.)

2544 Acha-se fundada uma companhia, que tomou por empreza as tres principaes e mais importantes estradas da provincia do Minho, do Porto a Braga, e a Guimarães, e entre estas duas povoações.

Abandonadas por longos seculos as nossas communicações, nem o commercio, nem a administração publica pareciam consagrar a tão valioso objecto o mais pequeno cuidado. — Nos ultimos dez annos da nossa regeneração politica pertendeu-se por muitas vezes e por muitos modos chamar sobre esta questão tão social, tão importante e tão urgente o interesse que a civilisação lhe marcava. Foi sempre em vão.

Mas a lei de 26 de julho de 1843 veio começar uma nova epocha, que se apresenta auspiciosa, e que esperamos seja feliz. — Antes d'essa lei fôra quasi impossivel tentar, com esperança de bom resultado, empreza alguma de estradas, depois d'ella a questão mudou inteiramente de face.

O espirito publico começou desde então a encarar as nossas communicações, não como objecto de bellos votos, ou de formosas dissertações, mas sim como uma realidade palpavel já e positiva. — A lei facilitava todos os meios de levar a effeito qualquer plano bem combinado, e a generalidade em que a lei era concebida tornava exequiveis esses planos, que isolados seriam impraticaveis.

O espirito commercial seguiu este mesmo impulso, não arrojado e animoso; porque é nova a carreira em que se vae lançar; mas desejoso de achar no meio do paiz um emprego de capitaes seguro, já que tantos empregos de capitaes nos faltam, e outros tantos tão vacilantes e incertos se mostram.

De todas as emprezas a que pareceu mais lucrativa foi sem duvida a das tres principaes estradas do Minho. Era natural que o commercio se dedicasse a esta empreza primeiro do que ás outras, e de preferencia a ellas.

A primeira consideração era que as tres estradas que formam o objecto da empreza da companhia atravessavam a mais rica, a mais populosa, a mais industriosa, e a mais activa parte do nosso paiz, e abraçavam tres centros d'esta riqueza, população, industria e actividade — Porto, Braga e Guimarães. D'aqui a certeza de communicações constantes e numerosas, sem as quaes o rendimento das barreiras não póde ser de consideração alguma.

Depois d'isso occorria que o espaço que a empreza occupava era de sua natureza limitada e compreensivel, consideração de muito momento para a direcção dos trabalhos, para a fiscalisação dos direitos de barreira, e ainda mais porque se evita o inconveniente que se dá nas estradas de longa extensão, onde para aproveitar os pontos de maior communicação os emprezarios se veem obrigados a construir muitas leguas onde a despeza é enorme, e o rédito quasi inteiramente nullo.

Por ultimo a extensa população do Minho, a sua actividade, a barateza dos salarios, davam á empreza a certeza de que podia contar com os meios de realizar o seu intento, e que estes seriam pelo mais razoavel preço por que se podem obter taes serviços em qualquer parte do nosso paiz.

As explorações e estudos do terreno certificaram tambem que em quasi toda a extensão das estradas havia a pedra necessaria para o systema de construcção que se pertende seguir, sem necessidade de despezas enormes de carretos.

As tentativas feitas em diversas estradas tambem nos ensinavam já com bastante probabilidade qual a despeza de construcção era — e isto não seria possivel que entrasse nunca como elemento de calculo nas anteriores especulações, que n'este ramo se tentaram, faltava-lhes a experiencia, que a muitos tão custosa sae.

Foi pois sobre estas considerações todas analyticamente desinvolvidas, e por muito tempo estudadas, e sobre dados positivos e os melhores que n'este paiz se podem obter, que a companhia das estradas do Minho fundou os seus planos e calculos. — O governo sem deixar de zelar os interesses publicos, fez á empreza todas as concessões que a utilidade do objecto requer — e ainda esperamos d'elle todos os auxilios, que em todos os paizes de civilisação e de liberdade os governos fazem sempre a emprezas d'esta natureza.

Porém a empreza precisa tambem do auxilio dos magistrados administrativos, e dos corpos municipaes — com a sua boa vontade, zelo e cooperação, a companhia póde evitar muitos embaraços, muitas delongas, e conseguir mais efficazmente o fim a que se propõe. — A direcção da companhia invoca pois esta cooperação, e espera recebel-a.

A maior parte das acções da companhia, acham-se subscriptas; mas querendo a empreza dar a este objecto, todo publico e todo nacional, a publicidade de que elle é digno, a companhia abre a subscripção das suas acções.

O correspondente já nomeado da companhia no Porto, é o Sr. João Leite de Faria, largo de S. Domingos n.º 42.

Em Lisboa no largo do Carmo n.º 7, em caza do Sr. Luiz Teixeira Sampayo.

Os directores, José Ignacio de Seixas, Vicente Gonçalves Rio Tinto, José Maria Eugenio de Almeida, L. T. Sempayo, e G. B. da Rocha.

ILLUMINAÇÃO DE GAZ PARA AS CIDADES DE LISBOA E DO PORTO.

Lemos nos *Pobres do Porto* de 28 do passado:

2545 Uma companhia ingleza acaba de offerecer-se para illuminar a gaz esta cidade, dando-se-lhe o privilegio por 21 » annos. Obriga-se a empregar sómente 12 estrangeiros, e o » resto dos operarios portuguezes, e a não exceder a despeza da » actual illuminação; e calcula em 100 os navios de carvão de » pedra que ella fará conduzir todos os annos de Inglaterra, cujos direitos de entrarão no thesouro. Ouvimos dizer » que a camara tomára a proposta em consideração, esperando com tudo a deliberação da camara de Lisboa, onde se » fizera egual proposta. A companhia offerece collocar 1$ lampiões em logar dos 800 a 900 que existem.

» Acabamos de saber que uma nova proposta vae ser appre- » sentada á camara municipal pelos S. S. Heargreaves e C.ª, » proprietarios da importante fabrica de ferro ao Bicalho, su- » burbios d'esta cidade, para o que requerêram á mesma ca- » mara houvesse de sobreestar na resolução sómente o tempo » necessario para formarem a sua proposta, offerecendo-se des- » de já a extrahir o gaz, não do carvão inglez, nem do car- » vão de pedra portuguez que o não forneceria em abundancia, » mas de um vegetal que abunda n'uma de nossas provincias, » sendo ainda melhor a luz. Intendemos que a camara, que » tanto zela os interesses do municipio, esperará essa nova pro » posta, que deve ser muito mais vantajosa por não pedir isem- » pção de direitos para os tubos, caldeiras, e mais apprestes, » que tudo será feito no paiz, e por ser extrahido de um vegetal » fornecido pelas nossas provincias. Os Srs. Heargreaves e » C.ª desde o anno passado que extrahem o gaz para illumi- » nar á noite a sua fabrica, conseguindo a notavel economia de » reduzir a 4$800 réis semanaes a despeza que fazem com a » illuminação a gaz, que a azeite ou cebo era calculada em » 16$800 réis por semana. Daqui se infere a economia que se » póde fazer pondo a concurso a illuminação a gaz da cidade » e não se ligando logo a qualquer primeira proposta que ap- » pareça, que provavelmente não será a mais vantajosa.

O mesmo jornal de 4 do corrente accrescenta: — « Na terça « feira 2, decidiu a Exm.ª camara municipal aceitar o projecto « de illuminação a gaz para esta cidade, pela proposta de uma « companhia ingleza, representada pelo Sr. Van-Zeller. A reso- « lução da camara vae subir ao conselho de districto.

MACROBRIO.

2546 — » Em octubro ultimo no logar da Melroeira, fre- » guezia de Sancta Maria Magdalena, conselho de Torres Ve- » dras, morreu José Franco Alho com 102 annos de edade. » Este mizeravel nunca habitou caza, que não tivesse por pa- » vimento a terra estreme, e por tecto o telhado com telha » vã; o seu sustento foi sempre o mais reles da gente pobre do » campo; não fumava, nem tomava tabaco; excedia-se porém » muitas vezes no uso de vinho e agua-ardente. Fazendeiro, » moleiro, trabalhador o mais do tempo, taberneiro, e por » fim mendigo, foram os seus empregos durante a sua longa » existencia. A viuva que deixou era a sua segunda mulher, » com quem se despozou depois dos oitenta annos tendo ella » então trinta: dos filhos da primeira já nenhum existia, a se- » gunda ficou com 2 filhas de 18 annos uma, e de 13 outra, » e um filho de 6. O logar da Melroeira sua residencia é uma » elevação que se despenha para o lado do Septemtrião, açoi- » tado de todos os ventos frigidissimos que d'alli sopram, tor- » nando-o, durante o inverno, uma vivenda agreste, e quasi » insoffrivel. Não obstante isso José Alho ahi viveu longa vida » e bem disposto: ainda não ha muitos annos que hia á Ericei- » ra, tres leguas de distancia, a cavallo em um jumento, e » carregando-o alli de milho ou sal, voltava a pé para a sua » aldeia: ultimamente percorria todos os logares na circumfe- » rencia d'uma ou duas leguas pedindo esmola, com um páu » na mão de que bem pouco se servia, e com uma agilidade » de 20 ou 30 annos menos do que tinha: desvanecia-se com a » alcunha d'*Alho* que adoptou como appellido por lhe ser pos- » ta em pequeno, segundo dizia, por ser muito esperto: ha » pouco tempo começou a dar alguns signaes de sua decrepi- » dez; a pronuncia hia-se tornando inintiligivel, e a vista en- » fraquecia-se com rapidez; por esta circumstancia, em um » dos seus giros mendicantes deu uma desastrosa queda, fe- » riu-se no peito e na cabeça, esvaiu-se em sangue, foi condu- » zido em uma maca para casa, morreu em oito dias. » Já se vê que esta morte foi effeito d'um dezastre, que se não » acontêcera sabe Deus quanto ainda o homem duraria!

Revolução de Septembro.

MAIS UM ANJO MARTYR.

2547 Escrevem de Braga aos *Pobres do Porto:*

» Hontem 24, pelas 8 horas da manhã appareceu lançado nos quintaes que ficam juntos ao convento das hortas um re-cemnascido morto, tendo differentes contusões que lhe occasionaram a morte; procedeu-se ao acto e exame de corpo de delicto, no qual se verificou ter nascido vivo, era um bello e perfeitissimo rapaz; ignora-se quem foi a mão desalmada que ahi o lançou, ou a mãe que se arvorou em assassina de seu proprio filho.

O CIDADÃO DA LAPA.

2548 Depois que publicámos em 2469 a carta de *D. A. M. da S.*, vimos levantar-se, ácerca da veracidade do facto, uma accesa disputa na imprensa periodica. Era grave a materia. Tractava-se de nada menos do que de absolver e canonisar um assassino covarde, ou de deixar infamado, como assassino, um innocente e infeliz. Qualquer dos extremos era para temer e tremer: puzemo-nos com toda a sinceridade a ouvir por uma parte e outra as allegações, e a comparar as provas; sem nenhum interesse de amor proprio, porque o artigo não era nosso, nem em nossa folha apparecêra a noticia pela primeira vez, sem nenhum impulso de odio ou de amor, pois que ainda até hoje não fallámos com pessoa alguma das que figuram em tal successo. Hoje nos emprazа emfim o Tribuno para que desdigamos na *Revista* o que na *Revista* fôra dicto. Fal-o-hemos embora, não porém convencidos pelos documentos, que se produziram, em abôno do *cidadão da Lapa*; — nenhum d'esses documentos era sem réplica e inacessivel, como cumpriria, a suspeições; — mas sim, obrigados, por dois motivos, que valem para nós mais do que esses documentos. — Primeiro; não se deverem accreditar horrores de tanta monta sem demonstração irrefragavel; e a voz publica em tão damnados tempos não é irrefragavel demonstração. Segunda; asseverar-nos, sob sua palavra, o redactor do Tribuno, que examinou, por si mesmo, o caso, e o achou calumnioso.

DOIS PREZOS DA RAÇA DO BARÃO DE TRENCK.

Lê-se no *Periodico dos Pobres* de 22 de dezembro.

2549 « Na noite de quarta feira 0 para 21 do corrente « fugiu das cadeas da Relação o prezo José Antonio Barre- « to. Achava-se sentenciado a pena ultima pelo assassinio per- « petrado na Russa de Entre-Paredes, e tendo o processo su- « bido ao Supremo Tribunal de Justiça, foi por este annul- « lado pela falta de uma testimunha de que o jury tinha pre- « scindido. Estava a ser brevemente e de novo sentenciado. « Este réu tinha ultimamente feito uma grande desordem na « enxovia onde estava, ferindo alguns presos e matando ou- « tro, motivo por que foi mandado metter em um dos segre- « dos para estar só e separado dos outros, isto desde setembro « ultimo. E' d'este segredo que elle fugiu, fazendo um arrom- « bamento por baixo da tarimba onde dormia juncto á parede, « onde conseguiu fazer um buraco, que atravessou a mesma « parede, indo sair a um quarto onde os empregados e offi- « ciaes do Tribunal da Relação se vestem; e d'alli passando « para a sala de espera e sala do mesmo Tribunal, foi por es- « ta sair ás escadas e porta principal do mesmo Tribunal, « por onde não podendo sair, abriu com chave falsa a porta « do Archivo dos Cartorios, e entrando dentro abriu a ultima « das janellas para o lado do chafariz e levantando a vidraça « com muita facilidade saiu para a rua, deixando no dicto « Archivo varios objectos e chaves de portas com as quaes ti- « nha conseguido evadir-se. E' irmão do Calceta Pacheco que » ha dias tambem conseguiu fugir, mas que foi apanhado. »

GULLIVER EM LISBOA.

2550 Quem duvidasse da existencia dos gigantes e pigmeus, descriptos por Gulliver nas suas mui verídicas viagens, não teria mais para se convencer do que dirigir-se á rua Larga de S. Roque, juncto á

egreja do Loreto, procurar a caza, que na taboleta lhe mostrar gigantes e anões, pagar 120 ou 200 réis, segundo quizer estar sentado ou em pé, e entrar: — diria que é o proprio Gulliver, que veio para alli estabelecer-se, — trazendo vivas e palpaveis algumas amostras d'aquellas extraordinaria gentes, que visitou. Enganar-se-hia. Tudo aquillo vem de França. Não admira; tudo o que temos de maior e de mais pequenino, de lá nos vem ha muito tempo.

Mademoiselle *Camilla* é uma parisiense, como outra qualquer no espirito e amabilidade, mas, como duas ou tres, no tamanho. — A sua altura é de 72 polegadas; e todo o seu composto proporcionado e até elegante. O seu pé não passa de nove polegadas: já se vê que é o extremo da pequenez e que poderia inspirar a Virgilio versos de tão encarecido enthusiasmo, como aquelles, em que elle pintou os pés da sua Camilla:

Illa vel intactæ segitis per summa volaret
Culmina, nec teneras cursu læsisset aristas.

Com o braço estendido horisontalmente, a nossa *Camilla* moderna dá por baixo d'elle passagem franca a um homem alto, e aos maiores soberbões d'este mundo poderia comer as papas na cabeça.

Artistas de primeira ordem a tomaram para modelo de seus quadros heroicos. — *Horacio Vernet* fez d'ella a sua Judith; e *Paulo Delaroche* a sua Joanna Gray. O mesmo auctor, não contente de a haver pintado uma vez, a reproduziu no seu painel dos Huguenotes. E porque tudo digamos — « triumphou — segundo diz a fama — de Annette, o mais formoso e perfeito modelo de colossos femeos, que houve na academia de Mr. Lafont. »

Imaginará alguem, que as suas refeições sejam de um boi homéricamente assado inteiro, um pão do forno de Pombal, um queijo como o da rainha de Inglaterra, e um copo de vinho como um tonel grande da feitoria do Porto! — Nada d'isto. — Mademoiselle *Camilla* come pouco, menos do que o ordinario de qualquer pessoa regular.

O escrever de uma pessoa grande obriga a fallar de sua familia. Mademoiselle *Camilla* pertence a uma familia colossal. Seu pai, tambor mor na guarda imperial e condecorado por Napoleão com a legião de honra, e umas baquetas de oiro depois da batalha de Marengo, excedia ainda a sua filha 7 polegadas. Seu irmão tambem tambor mor (é uma geração estrondosa por todos os modos), e que serve no 59 de linha, é ainda mais alto que seu pae 5 polegadas. E' o mais formoso e alentado homem do exercito francez: com a cabeça do dedo polegar cobre uma peça de cinco francos ou um duro hispanhol: o seu çapato, que sua irmã vos fará ver, tem 14 polegadas de comprido e 5 de rasto. Attemorísa a imaginação quando se pensa no que poderá um pontapé puxado pelo dono, e anniquila a força do anexim, que diz metter uma pessoa n'um chinello. Outra irmã de *Camilla* sobrepuja-a 4 polegadas; é cazada com um sujeito quasi da sua estatura e tem d'elle filhos, já egualmente descommunaes na grandeza, na grossura e na robustez.

Como não é permittido cazar com um irmão, e noivos de tal marca se não encontram todos os dias, Mademoiselle *Camilla* corre grande risco de morrer solteira, no caso de que a sua estrella lhe não permitta encontrar o lavrador gigante dos arredores de Elvas; — esse colosso vivo que ella tanto e tão baldadamente desejou vêr durante a sua estada n'aquella cidade: —

......¿qual será o amor bastante
De nympha que sustente o de um gigante?

perguntava Camões: — o de uma giganta, — lhe respondemos nós em prosa chã; e concluimos que este par seria o mais amoroso de todo o mundo: por isso fazemos votos pela alliança d'estes dois potentados do reino animal.

A antíthese de Mademoiselle *Camilla* é madama *Alphonse* da cidade de *La Rochelle*. Madama *Alphonse* ao pé de Mademoiselle *Camilla* figura como um camafêu ao pé de uma estatua antiga, como um espargo ao pé de um sovereiro, como o microscópico Padre Almeno ao pé do incommensuravel Ovidio Nasão. Madama *Alphonse*, viuva de um natural da Laponia, que não chegava a tres pés de altura, teve d'elle um filho, que hoje conta onze annos egualando apenas a uma creança de tres; e que não pesava, quando nasceu, mais de desoito onças. A impressão, que produzem no spectador o filho e a mãe — estes dois entes tão desfavorecidos da natureza, — é tanto mais desagradavel, quanto é mais energico o documento, que a mesma natureza nos acabava ahi de apresentar do seu poder creador; a alegria da creança, o seu cantar ao som das castanhólas, o seu bailar, o seu rir, comparados com a sua magreza, com o debil e precario de todo o seu individuo, tudo aquillo dá a quem o contempla, mormente se tem filhos, mais ainda se está para os ter, um sentimento penoso, que se não define.

FRIO DO INVERNO.

(Carta.)

2551 Uma das maiores calamidades que os viventes teem presenciado é, sem hesitação, a que actualmente experimenta esta provincia, em consequencia dos excessivos gelos: ha quinze dias a esta parte, parece convertida em outra e mais risgida Noruega! Quem visse este paiz tão rico, e tão enfeitado de frondosos olivedos, e fôr hoje examinar o campo, é impossivel que o coração se lhe não traspasse de dôr em vista de similhante lastima; vendo em logar d'aquelles apenas seus troncos, e juncto d'elles seus ramos mutilados pelo peso da carambina. Proprietarios, cuja colheita de azeite excedia a seiscentos almudes, não esperam colher este anno, nem talvez tornarão a colher das oliveiras restantes a decima parte! Todavia não é o termo d'esta villa o que mais tem soffrido, pelo baixo da sua posicção: o maior prejuizo ha sido nos sitios batidos do norte; merecendo especial menção as circumvisinhanças de Val-Passos, Rio Torto, Suções, S. Pedro-de-Trás-a-Serra, Passos, e, em geral, as rampas distantes da margem direita do rio Tua. Nos limites das povoações de Alvites, Avantos, Mascarenhas, Villa Verde etc. etc. tambem tem sido enorme a destruição.

Por aqui só se pede a Deus, que nos livre do maior mal — uma nevada — porque se esta infelizmente apparece, posso affoito assegurar que nenhuma arvore ficaria illesa; a não ser uma ou outra de lenhosa tenacidade. Teem-se celebrado preces por toda a parte a fim de mitigar a ira com que o Senhor ha punido nossas culpas.... Aqui principiou-se hontem uma novena ao Senhor dos Milagres, da egreja da misericordia; e com tanta fé e confiança lhe endereçavam os devotos suas supplicas, que hoje de manhã — o primeiro de janeiro de 1844 — appareceu o céu ameno, baixando a temperatura, com mostras de chuva. O thermometro de Reaumur desceu sete gráus.

Mirandella, 1 de janeiro de 1844.

J. L. Rodrigues Cardoso.

TERRIVEL PRESTIGIO NATURAL.

(Carta.)

2552 Hoje se completa o decimo terceiro dia em que aos habitantes d'esta villa e povoações immediatas tem sido vedado vêr brilhar em seu horisonte os beneficos raios d'esse astro vivificador, e alma do Universo; quando sabem egualmente que seus patricios teem gosado geralmente de uma estação alegre, e benigna; mas aqui uma tenacissima e mui densa nevoa, originada sem duvida pela proxima confluencia dos rios — Doiro e Sabor — tem produzido o portentoso phenomeno de tornar em realidade essas maravilhosas e phantasticas descripções das mil e uma noites, e outras novellas produzidas por imaginações exaltadas, a que sómente apraz o maravilhoso, ou impossivel, descrevendo e pintando jardins, e arvoredos cujos arbustos, e arvores são nada menos que de prata, cristal, e diamantes; o que effectivamente por nossos olhos estamos observando realisado, pois que cercados por uma athmosphera frigidissima que o calor do sol não póde penetrar, e aglomerando-se continuadamente as pequenissimas gotas que a nevoa deposita sobre as arvores, plantas, e mais objectos em contacto com athmosphera, immediatamente se congelam, apresentando aos olhos o mais insignificante d'estes objectos uma prespectiva magica; por exemplo, n'uma varanda onde por descuido, ou por serem quasi invisiveis antes d'este praso se tinham deixado alguns fios de têas de aranha, gosa-se agora de uma vista que arrebata, imitando perfeitamente os fios e têas de aranha, festões, laços, e flôres de finissimas perolas, ou fiadas de brilhantes. Qualquer ramo d'arvore ou arbusto finge exactamente um penacho de cisne como os de que teem usado os militares; mas desgraçamente se vão já sentindo os effeitos lamentaveis d'este singular phenomeno, pois que o pezo do gêlo é já tal que as arvores não pódem com elle, e os passageiros ficam atterrados com o subito e estrondoso fracasso d'um robusto pinheiro que se baqueia a seus pés arrancado pela raiz, ou estalando pelo tronco com o pêso com que já não póde! e nas oliveiras tem já havido tambem uma grande perda, e tanto que hoje mesmo me disse um homem natural de Massores, aldêa distante d'aqui uma legua, que por lá tinham quebrado já quasi todas, e se este tempo assim continua póde trazer perdas incalculaveis, pois que a colheita do azeite por aqui era mais de mediana, e por isso as oliveiras não pódem resistir ao pêso que o gêlo lhes augmenta, maxime para a parte da serra, onde a nevoa é constante, pois que ao poente d'esta villa felizmente ainda a nevoa levanta algum tanto deixando livres do maior gêlo uma grande porção d'olivaes que não estão por isso em tanto perigo.

Finalmente o gêlo é já tanta porção que olhando para os campos no espaço que a nevoa deixa descobrir, suscita-se immediatamente a idéa de que os da Syberia não poderiam apresentar a nossos olhos outra prespectiva. Fazendo-se a experiencia hontem de apresentar o thermometro em contacto com a atmosphera exterior da caza em uma varanda descuberta, desceu logo a meio gráu abaixo de gêlo, e haverá dois ou tres dias me disse um sugeito que fazendo a mesma observação em outra caza na extremidade da villa para a parte da serra ou Monte Roboredo baixára a dois gráus abaixo de gêlo!!! Separando outro individuo o gêlo que continha uma folha da herva que produz a flôr chamada violeta, me asseverou havia de pesar bem cinco oitavas. As hortaliças de que abunda esta villa são presentemente inuteis, pois as folhas das couves estão dentro d'uma especie de luvas ou bolças de gêlo da grossura d'um pataco, e muitas estão já recosidas por elle de fórma que se perderam. E no meio de tudo isto ha d'aqui uma pequena legoa no cimo da serra uma aldeola chamada Felgueiras (patria do grande chymico Thomé Rodrigues Sobral) cujos habitantes se teem gosado sempre de bello sol com excepção de dois dias sómente, em que levantou algum tanto o nevoeiro, o que tem sido para os habitantes d'esta villa uma ventura, por ser d'aquella aldêa que vem moídas as farinhas para aqui: e do contrario talvez resultaria bastante prejuizo e até fome.

Basta: que já saíu mais extensa esta carta do que eu queria. Se a julgar digna de occupar logar no seu estimavel periodico pela raridade do acontecimento fará muito obsequio ao que é de V. etc.

Moncorvo 28 de dezembro de 1843.

F. A. Carneiro de Magalhães e Vasconcellos.

TRISTE FIM DE UMA TRISTE VIDA.

2553 No dia 27 de dezembro pelas 10 horas da manhã, foi pelas competentes auctoridades, mandada arrombar a porta n.º 87 da rua do Moinho de Vento. Achou-se com effeito o morador, cujo desapparecimento occasionára as suspeitas, estirado no chão com os pés para a porta. Fez-se o competente auto; e o defuncto foi remetido para a Misericordia.

Manuel Tavares, que assim se chamava, era viuvo ha bastantes annos; tinha-lhe ficado um filho, que fizera embarcar, porque indocil aos conselhos do pae se não sujeitava a coisa alguma. Vivia por conseguinte só, sustentando-se do que ganhava como hervanario; e dos antigos intelligentes n'aquelle trafico era o unico que ainda existia. Possuia um character honrado e verdadeiro, e louvaveis costumes. Os visinhos sentiram a sua morte; tanto porque o amavam por taes qualidades, como por seu genio valedor, e mormente por ter acabado de um modo, natural sim, mas deploravel pelo desamparo de soccorros.

Não sabemos o juiso dos facultativos no acto do corpo de delicto, mas é natural que succumbisse a uma apoplexia. Teria de edade 70, ou 80 annos.

Lisboa 27 de dezembro de 1843.

Henrique José de Sousa Telles.

NECROLOGIO MILITAR.

2554 Falleceu no dia 29 de dezembro com apenas 46 annos de edade, tres mezes e quatro dias o capitão tenente da armada Antonio Herculano Rodrigues. Peza-nos sobremaneira havermos de resumir em tão poucas linhas a memoria biographica d'este benemerito e distincto portuguez; que com viver tão poucos annos, e em tão turvada epocha, nos deixou em toda sua vida, e ainda em sua morte, um perfeitissimo exemplar de todas as virtudes, religiosas, civis publicas e domesticas. Se nos fôra possivel apontar aqui algumas circumstancias particulares da sua vida, que muito realçam o seu grandissimo merecimento; os trabalhos, contradicções, fome, nudez, que por amor de sua patria, não por seu interesse, padeceu

e soffreu por terras estranhas e quasi inimigas, por onde muitas vezes mendigou o amargoso pão do desterro e outras o ganhou, feito creado, com o doloroso sacrificio d'aquelles sentimentos intimos, tão proprios e naturaes do homem bem nascido, que mais ainda se exaltam, e com dobrada força o accommettem no abatimento da desgraça: se nos fôra possivel referir os muitos serviços, que prestou a favor da liberdade da sua patria; os trances, em que se viu, os riscos e perigos, que affrontou; os duros trabalhos, as vigilias, as fadigas, por onde passou; por certo teriamos formado o mais completo elogio do verdadeiro cidadão, e do soldado valeroso. Mas o que equival a longos discursos, e excede muito estudados encomios, diremos nós com muita singelesa, e em poucas palavras — Morreu pobre; e não recebeu nem postos, nem honras, nem outro premio de seus serviços, que ver-se no seu paiz, e no mesmo logar de official addido ao observatorio de marinha, aonde havia entrado pouco depois de ter concluido o curso d'esta arma, e obtido premios em todos os annos. — Nem maior argumento se póde dar do seu grande e nobre desinteresse: nem de mais provas carece sua virtude. E se é tão raro este exemplo para os nossos tempos, em que se sonham grandezas, assoalham serviços, e se encarecem prestimos; parece que maior é a divida, em que a patria ficou empenhada para com quem a serviu tanto e tão desinteressadamente. Foi este official um dos primeiros, que transmigraram, e largou a esposa, os filhinhos, os amigos, e as commodidades da vida no dia 30 de maio de 1828. Depois de muitos trabalhos e lastimas, que é força calar, foi commandando o transporte Delphim na expedição, que os inglezes atacaram e fizeram prisioneira na altura dos Açores. Indo depois commandando a escuna *Snipe* foi atacado e perseguido apertadamente por uma corveta miguelista; e com tal valor, e sciencia se houve, que não só se livrou d'ella; mas rompeu o bloqueio do Porto, e ahi entrou debaixo de muito fogo; e entregou ao almirante inglez as correspondencias, de que o imperador o havia encarregado. Passaremos em silencio os riscos e perigos aturados, os cuidados, e trabalhos de que logo se viu cercado sendo encarregado d'armar, dirigir, e commandar as canhoneiras; nem mencionaremos de quanto proveito foram em casos tão apertados a actividade, valor, e acerto, com que ahi se houve. O que nós podemos affirmar é que se tantas fadigas e trabalhos não foram bastantes para logo lhe acabarem a vida; muito a encurtaram, e lhe attenuaram visivelmente as forças. N'este estado mal podia animo tão cortido de revezes, e passado de desgostos conservar ainda em si forças e valor para resistir ao maior de todos os golpes, á mais sentida dor — á perda de sua consorte, que elle tanto amava, e que tão bem lhe merecia este amor! Aqui pareceu prostrado e quasi anniquilado aquelle coração e espirito tão animoso na desgraça, e arrojado nos combates e perigos: a tristeza e magoa foram redundando no corpo: ainda não eram passados cinco mezes, já appareciam symptomas de morte, o pulmão era irremediavelmente atacado. Conheceu-o elle, fez suas disposições testamentarias, que foram breves; porque não tinha mais que o soldo: as da alma foram longas e meditadas com todo o recolhimento e serenidade; com ellas se aparelhou, como bom christão; e não houve mais negocios, nem outros assumptos que tractar. Como sentiu ser chegada a hora, requereu, que lhe trouxessem seus dois filhos; e d'elles se despede com uma pratica tão animada e cheia de conselhos, e doctrina, e pronunciada com tal espirito e firmesa, que produziu muitas lagrimas em quantos eram presentes. Terminada esta exhortação e despedida, e retirados todos, ficou a sós com o facultativo, seu antigo e intimo amigo: torna a recommendar-lhe seus filhos, e com palavras de muito animo e de grande amisade cerrando-lhe apertadamente a mão, e despedindo-se d'elle, acaba tranquillamente. — O pouco, que nos foi possivel aqui referir, e o muito que é sabido da vida e feitos d'este digno militar, justifica a magoa, com que é chorada e sentida sua morte; e mostra o muito que a patria lhe fica devendo. — ¿Pagará ella a seus filhos ao menos uma pequena parte de tão grande divida?

Sobram-nos razões para o crer, e motivos para o esperar! Foi sepultado no cemiterio do Alto de S. João com as honras devidas á sua graduação militar em sepultura separada.

PORTENTOSAS ABERRAÇÕES DO ESPIRITO HUMANO.

2556 Somos informados de que existe em Lisboa (¡e que é o que n'esta Lisboa não existe!) uma reunião de mancebos, que tracta de merecer de véras, pelas suas obras, o titulo singular, que assumiu, de *sociedade dos desvarios*. Andam armados de thesoiras, com as quaes, nos passeios, nas egrejas, nos omnibus, nas entradas e saídas do theatro, cortam e estragam os vestidos das senhoras, preferindo sempre, já se sabe, os mais ricos; dizem-lhes chufas, que as obriguem a córar, etc. etc.

Ha poucos dias, andando uma, pelo braço de seu marido, no passeio publico, um d'elles correu a dar-lhe publicamente um beijo. A sua impunidade foi devida á grandeza mesma e ao extraordinario do seu crime, porque assim a dama como o cavalheiro ficaram como extaticos por muito tempo sem saberem dar-se a conselho, imaginando que não era senão um doido furioso, que os acabava de provocar.

Não procurámos saber o nome de nenhum dos confrades; mas asseveram-nos que a confraria existe, e se existe e a tolerarem, asseveramos nós tambem que, os seus desvarios não tardarão em passar a mais alguma coisa, e já para começo não é pouco isto.

Em *Napoles*, todos estarão lembrados de haverem lido nos jornaes, que havia, no verão passado, uma sociedade, denominada *os queimadores*, cujos membros (tambem sem nenhum outro interesse mais do que singularisarem-se), andavam armados de certo liquido, que, ao passarem, esparziam subtilmente sobre o fato das senhoras, e que, apenas secco ao ar, se inflammava violentamente, de que algumas na populosissima *rua de Toledo*, e em poucos minutos, pereceram abrasadas. O chefe da policia affixou editaes, em que se promettiam avultados premios a quem prendesse ou denunciasse algum dos queimadores, e mandava aos agentes da força publica, que em colhendo algum, em flagrante, começassem por aperreal-o mui bem aperreado com bordoada: providencia um pouco insolita, mas a que os proprios jornaes francezes, inglezes, e sobre tudo os allemães fizeram elogios.

A proposito de sociedades, diremos ainda que, nos certificam haver outra tambem de mancebos, que se reune todas as noites, —*unicamente para dizer mal da vida alheia;* —contribuindo cada um com o que as suas investigações ou o seu talento inventivo lhe poderam subministrar. E' um periodico verbal, a que não faltam collaboradores.

Abstemo-nos das reflexões, que, sobre o nosso desgraçadissimo estado moral e social, nos suggerem estes factos. *¡ Sociedades de desvarios, —sociedades de murmuração, — sociedades de jogo, — sociedades de agiotagem, —sociedades de pateadas, —sociedades de novellas de George Sand e de Paulo de Kock, —sociedades de testimunhas falsas, —sociedades de....... sociedades de tudo!* ¡ Nunca se correu mais socialmente para a dissolução e para a ruina!

JUSTIÇA EM DIA DE GRAÇA.

2557 Em dia de Natal, mandou o Exm.° Reitor da Universidade de Coimbra riscar, para nunca mais serem n'ella admittidos, a dois irmãos, que juncto ao arco de Almedina, pelo fim da tarde de um dos dias de dezembro, haviam gravemente insultado a um lente da mesma universidade, pelo motivo, segundo se diz, de haver este reprovado a um d'elles.

LONGEVIDADE.

2558 No dia 28 do passado morreu no Pezo da Regoa, uma mulher de 103 annos, criada do visconde de Real Agrado; nos dias antecedentes tinha estado a remendar sem oculos. *(P. dos P. no Porto.)*

CARCERE PRIVADO.

2559 Uma casualidade fez descobrir no dia 4 do corrente um grande crime ou uma grande desgraça, —desgraça ou crime como as cidades encobrem muitos no seu seio. Uma donzella, encarcerada n'um quarto de umas cazas na rua do Passadiço, soltava gemidos consternados, que attrairam a attenção de um sujeito, que passeava n'um quintal subjacente. Movido da compaixão e curiosidade, approximou-se para uma janella gradada d'onde saíam os sons, e vendo assomar-se a ella a queixosa, que além de infeliz que parecia, era moça e gentil, ousou perguntar-lhe pela causa de seus lamentos. — Era filha do defuncto almirante *Rosa*. Tinha mãe, duas irmãs e um irmão; estava presa havia dois annos, e despida; curtia frios e fomes; era maltractada e espancada, e tanto, que ainda na vespera fôra mistér sangrarem-n'a; não tinha refugio, protecção, nem esperança.

Horrorisado d'esta narrativa, corre o bom visinho a caza do Sr. juiz de policia correccional *Reis e Vasconcellos*, e revela-lhe pontualmente o seu descobrimento. O magistrado vôa á mysteriosa vivenda; procura pela dona d'ella; declara-lhe quem é, e interroga-a: eis o que se lhe responde: —« Viuva do almirante *Rosa*, commandante da esquadra de D. Miguel. esta senhora vive do montepio de seu marido com um filho e duas filhas, que d'elle teve, e que, chamados, se apresentam immediatamente: em nenhuma das duas se via mostra de ser a que pouco antes se lastimava ás grades da sua prisão. O juiz, voltando-se para a mãe, lhe pergunta com um tom, que diz assás, que toda a negação será escuzada — « se não tem mais alguma filha. » — « Uma doida. » — « Onde está ? » — Mas.......... » — É necessario que eu a veja. » — « Não é possivel; acha-se furiosa; molesta; até de cama com uma sangria. » — No amontoar das escusas cresciam ao Sr. *Reis* as razões para a insistencia: não houve remedio senão ceder-lhe.

Conduziram-n'o ao carcere: ahi viu deitada n'uma enxêrga velha uma rapariga de uns vinte annos, nua, apenas coberta com um chaile, a qual interrogada repetiu fielmente a sua primeira declaração, mostrando em nodoas e pisaduras do corpo as provas dos espancamentos que a miudo recebia: accrescentou — « que todo o seu alimento era alguma comida, que á noite, lhe vinham lançar em uma lata; e que os rigores da sua situação, só se remittiam um pouco á entrada de cada mez, porque então se dependia d'ella para assignar nos recibos do montepio; que já, finalmente, uma vez não podendo soffrer mais aquelle inferno se fingíra doida para ser, como de feito foi, mandada para o hospital, onde, passado algum tempo, por não poder familiarisar-se com a importuna convivencia das alienadas, confessára á enfermeira o seu fingimento e os seus desejos de voltar para a caza materna; o que lhe fôra concedido. »

A mãe e o irmão, durante este singular depoimento, não cessavam de mostrar por palavras e gestos, despeito e raiva.

Obrigada a familia a assignar um termo de tractarem a desgraçada, com humanidade, saíu o Sr. *Reis* para fazer ulteriores indagações e dar providencias quaes a natureza do caso requeria. — Do hospital e do cirurgião, que a sangrára, soube que toda a parte da relação, em que elles figuravam, era exacta.

Do hospital havia trazido a infeliz menina uma sarna que se aggravára pelo desprezo e a que era urgente que se accudisse: para isto eram necessarias roupas de que inteiramente estava despojada, e indispensaveis os medicos. Determinou-se que iria tractar-se nas enfermarias de S. José, e quanto ás roupas, pediu o Exm.° Ministro das Justiças ao Sr. *Reis*, que as mandasse comprar, enviando-lhe o rol, que elle promptamente pagaria.

Acabamos de fallar com pessoa fidedigna, que, hoje quarta-feira, conversou por mais de uma hora no hospital de S. José com a Sr.ª D. Carlota Rosa (é o seu nome): achou-a interessante e espirituosa, e sobre tudo por mais que adrede lhe variasse os assumptos, em que fallaram, não lhe foi possivel descobrir o mais tenue vislumbre de alienação; os seus sentimentos revelavam uma donzella bem nascida e um coração excellentemente formado: sendo um dos pontos, em que mais insistia, o desculpar sua mãe, e o pedir que se não usasse contra ella de rigor.

A justiça e o tempo tem ainda muito que patentear.

Já hoje corre como certo, que a viuva do almirante *Rosa* é outra, que vive miseravel e ignorada n'uma caza do Bairro-Alto, e que o montepio, que até agora lhe fôra usurpado, por uma antiga rival sua, e amásia de seu marido, lhe vae d'aqui por diante ser entregue. Sobre isso nada podemos ainda affirmar, apontamos um boato espalhadissimo, dispostos a rebatel-o ou a confirmal-o segundo a verdade se nos fôr por provas descobrindo.